

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

**VALÉRIA ESTIVALET MACHADO**

**MAKE AMERICA GREAT AGAIN: A IMAGEM PÚBLICA DO GOVERNO TRUMP  
NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS  
RELATIVAS AO TEMA IMIGRAÇÃO NOS PORTAIS BRASILEIROS**

Porto Alegre

2021

**VALÉRIA ESTIVALET MACHADO**

**MAKE AMERICA GREAT AGAIN: A IMAGEM PÚBLICA DO GOVERNO TRUMP  
NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS  
RELATIVAS AO TEMA IMIGRAÇÃO NOS PORTAIS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Relações Públicas, a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

**Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas**

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado Make America great again: a imagem pública do governo Trump no Brasil a partir da análise das ações governamentais relativas ao tema imigração nos portais brasileiros, de autoria de Valéria Estivalet Machado, estudante do curso de Relações Públicas, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 05 de novembro de 2021.

Assinatura:

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Valéria Estivalet Machado

**MAKE AMERICA GREAT AGAIN: A IMAGEM PÚBLICA DO GOVERNO TRUMP  
NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS  
RELATIVAS AO TEMA IMIGRAÇÃO NOS PORTAIS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Relações Públicas, a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas (Orientador)

---

Prof. Dra. Ana Karin Nunes (UFRGS)

---

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz (UFRGS)

Porto Alegre, 19 de novembro de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, os meus maiores companheiros e exemplos de dedicação. Vocês sempre me instruíram a trilhar o caminho da educação, sempre respeitaram as minhas decisões e foram suporte para todos os meus dias difíceis. Agradeço também às minhas irmãs, as parceiras de vida que me fizeram ter a certeza de que nunca estarei só, sempre terei vocês para compartilhar a vida. Vocês são a base de tudo.

Ao Dieick, por toda a amizade e companheirismo ao longo dos últimos anos. Obrigada por cada conversa, cada conselho e por sempre me lembrar que tudo é possível com dedicação e estudo. Você é o meu maior incentivador.

Ao meu grupo de amigos da faculdade, os anjos Helen Moraes, Jefferson Coelho, Caroline Mafessoni, Sabrina Almeida, Eduardo Tettamanzy, Jean Vargas e Leonardo Freitas. Desde o início da faculdade a vida de todos nós mudou, mas conseguimos manter um grupo incrível, com muito riso fácil e conversas transformadoras. Obrigada por todas as aulas, viagens, festas, almoços e jantares no RU. Vocês são demais!

À Gabriela Kaminski, Luiza Garcia, Marina Nascimento, Maria Bittencourt, Bianca Ribeiro, Carol Bianchi, Carol Cardias, Aline Becker e à tantas outras mulheres que me inspiram. Como demonstra uma frase que gosto muito, “todas nós seguimos em frente quando percebemos como são fortes e admiráveis as mulheres à nossa volta.”

E à UFRGS, espaço de tanto aprendizado, de tanta luta e com tantos profissionais e alunos incríveis. Acredito fielmente que o conhecimento só é válido quando compartilhado. Esses 5 anos me transformaram para sempre e me fizeram ir mais longe do que um dia pude imaginar.

Quando somos novos, achamos que não podemos fazer grandes coisas. Confiamos tudo o que é sério aos adultos. Mas, quando o perigo real ameaçou meu direito de estudar, eu me senti mais forte que nunca e encontrei o poder na minha voz. No passado, desejei ter o lápis mágico de Sanju. Hoje sei que, quando encontramos nossa própria voz, qualquer lápis pode se tornar mágico (YOUSAFZAI, 2017)

## RESUMO

O presente estudo investiga como as políticas de imigração interferiram no processo de formação da imagem pública do governo Trump no Brasil, a partir da análise dos conteúdos publicados nos portais de notícias da Folha de São Paulo e O Estadão. Para responder essa inquietação, parte-se de uma pesquisa bibliográfica para entender a questão da imigração na história dos Estados Unidos da América e como essa se estabeleceu como um dos pilares mais relevantes a serem considerados pelo presidente daquele país. Além disso, abarcaram-se as repercussões midiáticas da trajetória de Donald Trump, bem como um resgate das falas e políticas migratórias durante o seu governo. O conceito de imagem pública foi abordado sob o olhar de Maria Helena Weber, Rudimar Baldissera e Wilson Gomes. A partir destas revisões, foi possível realizar uma análise de conteúdo para averiguar o corpus constituído por 8 notícias que citam conclusões sobre a imigração, publicadas durante o ano de fechamento do governo. Os resultados encontrados apontam que, apesar de o governo obter êxito na redução do número de imigrantes, as políticas atuaram negativamente para a imagem pública do Governo Trump, visto que foram retratadas como severas demais e contribuintes para a violência contra os imigrantes. Como sugestão de pesquisas futuras, além dos estudos sobre imagem pública, destaca-se também a marca-país sob as perspectivas da imigração.

**Palavras-chave:** Donald Trump. Estados Unidos. Imigração. Imagem pública. Portais de notícias.

## **ABSTRACT**

This study investigates how immigration policies interfered in the process of forming the public image of the Trump government in Brazil, based on the analysis of the contents published in the news portals of Folha de São Paulo and O Estadão. To answer this concern, a bibliographic research is used to understand the issue of immigration in the history of the United States of America and how it was established as one of the most relevant pillars to be considered by the president of that country. In addition, the media repercussions of Donald Trump's trajectory were covered, as well as a rescue of the speeches and migratory policies during his government. The concept of public image was approached from the perspective of Maria Helena Weber, Rudimar Baldissera and Wilson Gomes. From these reviews, it was possible to carry out a content analysis to ascertain the corpus consisting of 8 news items that cite conclusions about immigration, published during the year the government was closed. The results found show that, despite the government being successful in reducing the number of immigrants, the policies acted negatively for the Trump Government's public image, as they were portrayed as too severe and contributing to violence against immigrants. As a suggestion for future research, in addition to studies on public image, the nation branding from the perspective of immigration is also highlighted.

**Keywords:** Donald Trump. Immigration. Public image. News portals.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge de 1942 .....	22
Figura 2 – Ataque às Torre Gêmeas, em 11 de setembro de 2001 .....	25
Figura 3 – Capa da Revista Vogue no ano de lançamento da Trump Tower.....	31
Figura 4 – Donald Trump na pista pública do Central Park em 1980 .....	32
Figura 5 – Abertura do programa The Apprentice de Donald Trump .....	33
Figura 6 – Tweets de Donald Trump sobre a construção do muro.....	36
Figura 7 – Notícia n.º 1 .....	47
Figura 8 – Notícia n.º 3 .....	49
Figura 9 – Notícia n.º 4 .....	50
Figura 10 – Notícia n.º 5 .....	51
Figura 11 – Notícia n.º 6 .....	52
Figura 12 – Notícia n.º 7 .....	53
Figura 13 – Notícia n.º 2 .....	55
Figura 14 – Notícia n.º 8 .....	57

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias e públicos.....	45
Quadro 2 – Categorias e públicos divididos por unidade de registro .....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA</b> .....	16
2.1	A COLONIZAÇÃO BRITÂNICA DA AMÉRICA.....	17
2.2	OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA À ASCENSÃO ECONÔMICA.....	19
2.3	O PAPEL DOS IMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	23
2.4	O 11 DE SETEMBRO E A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	25
<b>3</b>	<b>PERFIL BIOGRÁFICO DE DONALD TRUMP: REPERCUSSÕES MIDIÁTICAS</b> .....	28
3.1	DONALD JOHN TRUMP: DE MEGAEMPRESÁRIO À PERSONAGEM MIDIÁTICO.....	28
3.2	TRUMP NA POLÍTICA: DAS PRIMEIRAS INCURSÕES ÀS ELEIÇÕES DE 2016..	33
3.3	O PERÍODO PRESIDENCIAL (2017-2021).....	37
3.4	A PERSPECTIVA DA IMAGEM PÚBLICA.....	39
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	42
4.1	DEFINIÇÃO DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS.....	42
4.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
4.2	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	44
<b>5</b>	<b>O CONTEÚDO DA FOLHA DE SÃO PAULO E O ESTADÃO: A ANÁLISE</b> .....	47
5.1	ANÁLISE DA IMAGEM PÚBLICA ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS DA COMUNIDADE EXTERNA.....	47
5.2	ANÁLISE DA IMAGEM PÚBLICA ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS DA COMUNIDADE INTERNA.....	54
5.3	CONCLUSÕES SOBRE AS CATEGORIAS.....	58
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64

## 1 INTRODUÇÃO

A construção de um trabalho sobre a imigração nos Estados Unidos da América é desafiadora. Atingir o nível de responsabilidade e sensibilidade para analisar aspectos comunicacionais de uma temática que envolve conflitos entre países, religiões e violência extrema requer um embasamento multidisciplinar, principalmente no campo histórico. Por outro lado, o tema é sempre atual, posto que a cada ano novos acontecimentos reacendem o assunto sob novas perspectivas. O debate histórico sobre a imigração nos EUA, que veremos ao longo deste trabalho, atingiu a polarização durante as eleições em 2016 e nos anos seguintes com o discurso ultranacionalista do presidente republicano Donald Trump.

Para além de 2016, o debate sobre a imigração foi um dos pilares mais importantes também para eleições anteriores, moldando o discurso dos candidatos caso quisessem obter os votos dos imigrantes legais no país ou o fortalecimento junto a base eleitoral mais conservadora. Essa tendência estava diretamente ligada a nacionalidade com maior presença nos EUA, a saber, os mexicanos. Contudo, a partir dos atentados de 2001 - um marco na história do país que levou a mais de 3 mil mortes - a questão da imigração tornou-se ainda mais pujante para a população.

A polarização política é justificável. Conforme dados do Pew Research Center (BUDIMAN, 2020), estima-se que os EUA tenham mais de 40 milhões de imigrantes no território, sendo o país que mais recebe imigrantes no mundo. O grande fluxo migratório tem raízes históricas complexas (capítulo 2), mas o principal fator que leva cidadãos dos mais diversos países à decisão de escolher os Estados Unidos como lar é a busca por melhores condições de vida, já que o país ostenta o *status* de potência econômica. Essa conjuntura enfrenta uma dualidade: se por um lado, historicamente, o país necessitou da força de trabalho dos imigrantes para certos setores, por outro aumentou o nacionalismo e a xenofobia, conforme veremos no capítulo 2. Isso é perceptível na parcela do povo estadunidense<sup>1</sup> que enxerga os efeitos da imigração na violência e a redução de oportunidades de trabalho.

Dada a relevância histórica, é nítido que a imigração é um aspecto primordial para a construção da imagem pública dos atores políticos dos Estados Unidos. A forma como o presidente dialoga sobre a imigração além de ser relevante para os eleitores daquele país, atrai atenção da mídia internacional. De outra parte, ainda que um volume considerável de

---

<sup>1</sup> Neste trabalho optamos por usar “estadunidense” para nos referimos à nacionalidade dos cidadãos dos Estados Unidos ao invés de “americanos”. A escolha deve-se ao fato de acreditarmos que todos os indivíduos nascidos na América do Sul, Central e Norte são americanos. Entretanto, algumas citações ao longo do trabalho podem usar o termo americano por questão de escolha dos outros autores.

pesquisas na área da comunicação tenha como tema Donald Trump, seu discurso através da rede social Twitter ou sua relação com as *Fake News*<sup>2</sup>, durante os levantamentos iniciais foram encontradas poucas pesquisas sobre a intersecção com a imigração, constituindo assim o segundo desafio do trabalho.

Atualmente, uma imagem pública favorável representa um dos maiores objetivos na política. A partir da perspectiva de Wilson Gomes (2004), vamos assumir para este trabalho que a imagem pública é a representação das informações e concepções de algo para alguém, indo além do sentido visual da imagem, obtendo papel figurado na percepção pública. Dessa forma, Gomes, W. (2004) aponta que ela passa a existir de fato apenas a partir da recepção e Maria Helena Weber (2004) corrobora que o receptor é o sujeito principal nesse processo, cabendo-lhe o papel da análise crítica dessa imagem. Entretanto, na contemporaneidade, a construção dessa perpassa por um complexo sistema que está diretamente ligado a busca de uma visibilidade positiva. Segundo Gomes, W. (2004, p. 376) a imagem pública “[...] deixa de ser um fato típico da vivência comunitária para se constituir em fenômeno decisivo no contexto da experiência produzida e conduzida pela comunicação de massa”.

Com essas elucidações, é compreensível a preocupação de um político, e ainda mais a de um presidente, com a mídia. Em contrapartida, desde a sua carreira como empresário do ramo imobiliário até o seu mandato presidencial, Donald Trump esteve sempre afastado do politicamente correto<sup>3</sup> e, com diversas falas polêmicas, não demonstrou preocupação com o que era divulgado sobre ele nos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, Trump tornou-se um expoente no uso de plataformas como o Twitter para conquistar liberdade de expressar suas opiniões mais conservadoras. A evolução dessas plataformas possibilitou um maior gerenciamento da sua vida pública, obtendo mais controle sobre o que seria emitido para os seus seguidores. Posteriormente, essas opiniões eram amplamente divulgadas pela imprensa.

Durante as eleições e todo o seu mandato presidencial, ao passo que essas falas polêmicas eram emitidas, Trump ganhava destaque na mídia internacional, inclusive na brasileira. Nesse contexto, se faz relevante entender o resultado da imagem pública do governo de Donald Trump através de um recorte jornalístico sobre um dos temas mais importantes e polêmicos nos Estados Unidos – a imigração. Para essa pesquisa, colocarei o foco em dois portais de notícias brasileiros: O Estadão e a Folha de São Paulo. Tenho

---

<sup>2</sup> As *Fake News* são informações falsas que viralizam como se fossem verdade (FAKE..., c2009-2021).

<sup>3</sup> Referente a neutralização de uma linguagem ou discurso, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou que possam fazer referências as diversas formas de discriminação existentes, como o racismo, o sexismo, a homofobia etc. (SIGNIFICADO..., 2011 – 2021)

consciência que tal delimitação se faz necessária para a construção de uma análise mais aprofundada e é relevante já que ambos os portais de notícias possuem boa cobertura jornalística com foco em política e muitos acessos<sup>4</sup> no Brasil.

Definiu-se então o seguinte problema de pesquisa: **como as políticas de imigração interferiram no processo de formação da imagem pública do governo Trump no Brasil?**

Diante disso, foram traçados um objetivo geral e três específicos. O objetivo geral é analisar os conteúdos em relação à imigração publicados na Folha de S. Paulo e O Estadão no último ano de governo Trump. São objetivos específicos: 1) compreender elementos que contribuíram para a relevância do tema imigração nos Estados Unidos; 2) explorar o processo de formação da imagem pública do governo de Donald Trump na mídia; 3) apresentar as medidas migratórias do governo Trump publicadas nos dois portais brasileiros no ano de fechamento do governo.

Dois aspectos sociais e políticos chamaram minha atenção ao longo dos últimos anos e justificam o interesse por essa análise. Primeiramente, a crise migratória na Europa, onde, segundo dados da Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, c2001-2021) cerca de 362.000 refugiados e migrantes arriscaram suas vidas cruzando o Mar Mediterrâneo no mesmo ano. Ainda que um refugiado tenha tratamento diferenciado em relação aos direitos internacionais e a oportunidade de pedir asilo, houve um aumento de reforço nas fronteiras da União Europeia e uma inércia dos políticos a essa situação. Sendo assim, consideramos que pesquisas acadêmicas sobre imigração sejam uma contribuição social para a redução de perspectivas marginalizatórias sobre esses povos.

Nesse sentido, a situação da Europa me introduziu a realidade de ver refugiados em situação de rua e a xenofobia no tratamento a esses durante um intercâmbio acadêmico realizado em Portugal entre 2018 e 2019. Além disso, pessoalmente ouvi comentários de que os brasileiros eram inferiores intelectualmente, atrasados ou que estavam lá para roubar trabalhos dos portugueses. Como mulher, vi essa xenofobia se potencializar na percepção de brasileiras como objeto sexual. Esses fatores fizeram com que eu sentisse em algum nível o que os imigrantes sentem.

Além disso, o aspecto da pressão popular não só europeia, mas também mundial sobre esse tema na última década também me levou a novos questionamentos. Os estudos na área da comunicação me permitiram entender que nenhum sujeito ou organização está livre de sofrer

---

<sup>4</sup> Segundo dados da SimilarWeb, ferramenta de análise de sites e aplicativos, a Folha de São Paulo é o 4º site mais acessado no Brasil na categoria Notícias e Mídia, com 66 milhões de visitas em setembro de 2021. Já O Estadão é o 14º, com 27.9 milhões de acessos no mesmo mês (TRAFFIC..., c2021).

impactos na sua imagem, mas, por outro lado, não é possível apontar qual é a melhor forma de preservação da imagem pública de um político diante dessa situação. Como exemplos temos Viktor Orbán, primeiro-ministro desde 2010 na Hungria, solicitou a construção de um muro de 175 metros na fronteira do país com a Sérvia e Angela Merkel, chanceler na Alemanha desde 2005, aprovou medidas pró-imigração recebendo milhares de refugiados no país. Mesmo sendo aplicadas de maneira antagônica, ambas são ações que podem ser lidas como positivas ou negativas para suas respectivas imagens.

Posto isso, vejo nesta pesquisa a oportunidade de compreender a relação de imagem pública e o gerenciamento de um país sob o aspecto da imigração. A fundamentação teórica sobre imagem pública será embasada principalmente a partir de Gomes, W. (2001; 2004) e Weber (2004; 2007; 2009), complementado com o ensaio “Hermenêutica, teoria política e imagem pública” de Gomes, M. (2006). Para entender a imigração nos Estados Unidos, destaco a obra de Karnal *et al.* (2007), primordial para conhecer a história do país e o artigo *A História das Políticas Migratórias dos Estados Unidos* de Silva (2013). Para compreender a relação de Donald Trump com a mídia, desde a sua origem até o seu período presidencial, nos apoiaremos no seu livro *América debilitada: como tornar a América grande outra vez* (2015) e na série da plataforma de *streaming* Netflix “Trump: um sonho americano” (2017).

Além da pesquisa bibliográfica, norteada pelos autores anteriormente citados, a metodologia para analisar as publicações da Folha de São Paulo e O Estadão se dará a partir dos pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (1977), complementada também por Fonseca Júnior (2009). A construção metodológica do trabalho será explicada no capítulo 4.

Para atingir os objetivos acima citados, o trabalho está estruturado em 4 partes além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, elucidaremos a história dos Estados Unidos e os atravessamentos com a imigração. É importante ressaltar que a imigração esteve presente na história do país desde a sua colonização até os dias atuais. Portanto, não houve delimitação temporal, os principais acontecimentos levantados durante a pesquisa bibliográfica serão divididos em ordem cronológica nos subcapítulos.

Na segunda parte, denominada “Perfil Biográfico de Donald Trump: Repercussões Midiáticas”, buscaremos entender como Donald Trump construiu uma carreira empresarial e midiática de sucesso nos Estados Unidos, permitindo-o ser presidente do país sem ter experiência política prévia. Ademais, também serão apontadas as falas e medidas sobre a imigração durante o seu mandato. Por fim, entenderemos a imagem pública na perspectiva de Donald Trump.

Na terceira parte serão apresentadas a construção da metodologia que norteará a análise de conteúdos e a apresentação dos materiais a serem analisados posteriormente. Por fim, na quarta parte, as notícias serão analisadas separadamente, buscando complementar os principais pontos discutidos nas duas primeiras partes, sendo separadas em duas categorias de análise : comunidade externa e comunidade interna.

Por fim, ressalto ao leitor que ser imparcial não é um objetivo para a realização do trabalho. Posiciono-me a favor dos direitos humanos e da construção de uma sociedade menos intolerante. Dessa forma, espero que o leitor construa sua própria visão do tema compreendendo que o trabalho objetiva comunicacionalmente contribuir para a conscientização e redução de preconceitos.



## 2 A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Nesse início de século XXI, os Estados Unidos da América ainda é o país mais poderoso do mundo em poder econômico e representatividade política, pois além de ser o Estado mais rico – representando 22% do PIB mundial (MAIORES..., [2015]) –, possui uma grande influência no sistema internacional e na vida cotidiana da sociedade global. A partir de uma contextualização histórica, elucidaremos a interseção entre o *status* de potência econômica e a questão da imigração.

O êxito dos Estados Unidos como país é, segundo Leandro Karnal *et al.* (2007), decorrência direta do povoamento adotado pela Inglaterra no período colonial. Segundo os autores, ao contrário da colonização ibérica – que foi concebida apenas para a extração dos bens e recursos naturais disponíveis na colônia em benefício da metrópole –, o modelo inglês concebia a colônia como um espaço a ser habitado pelos excluídos das grandes metrópoles. Assim, os cidadãos que viviam à margem da sociedade daquele país viam na imigração uma oportunidade de ascender socialmente.

Essa mentalidade de progresso econômico e desenvolvimento local que engendrou os Estados Unidos da América desde o período colonial construíram o *ethos* do “*American Dream*” que, ao longo dos séculos, motivou a chegada de milhões de imigrantes de diversas origens. Hoje, mais de 300 anos depois das primeiras colônias de povoamento, é o país que abriga mais imigrantes entre os 193 que fazem parte da Organização das Nações Unidas<sup>5</sup>, com 44,4 milhões de pessoas de quase todas as nacionalidades (BUDIMAN, 2020).

Para se ter ideia da importância da imigração na concepção, desenvolvimento e progresso como estado nacional, neste capítulo serão descritas algumas características do processo de colonização inglesa na América do Norte, o desenvolvimento do país após a independência e o papel dos imigrantes na formação e consolidação do mesmo. Dessa forma, pretende-se elucidar o porquê de o tema “imigração” ser uma pauta tão presente na política estadunidense — com destaque para o mandato presidencial de Donald Trump.

---

<sup>5</sup> A contagem de países foi baseada na informação divulgada pela própria Organização das Nações Unidas em seu site oficial (LA ORGANIZACIÓN, [2021?]).

## 2.1 A COLONIZAÇÃO BRITÂNICA DA AMÉRICA

Ao contrário da colonização ibérica na América – que começou a ser posta em prática ainda no século XVI –, as colônias de povoamento britânicas só se intensificaram no final do século XVII por conta das transformações políticas ocorridas na metrópole<sup>6</sup>. Por isso, o processo de colonização inglesa na América aconteceu desorganizadamente, visto que o território foi loteado entre algumas companhias privadas<sup>7</sup>, entre elas a de Londres e de Plymouth, que adotavam formas de gerenciamento próprias e contrastavam muitas vezes com outras companhias.

De acordo com Karnal *et al.* (2007, p. 45), essas companhias “[...] foram organizadas por comerciantes e apresentavam todas as características de empresas capitalistas”. Isso significa possuírem certa autonomia em relação à metrópole, enquanto eram tratadas como simples empreendimentos privados pelo poder central, isto é, devedoras de impostos e sujeitas às leis comerciais. O início da colonização do Novo Mundo capitaneado por essas companhias foi de extrema dificuldade, pois ambas tiveram suas licenças cassadas entre 1624 e 1635 devido a dívidas, o que acabou afetando a qualidade de vida dos primeiros colonos – isolados e em situação de fome extrema.

Entretanto, após os percalços iniciais, os empreendimentos prosperaram e passaram a ser vistos pelas autoridades do governo central como uma forma de atenuar os problemas causados pelo êxodo rural, em que grandes contingentes de pessoas economicamente vulneráveis chegavam às grandes cidades inglesas. Foi pensando em resolver esse problema socioeconômico que “[...] a Inglaterra fazia da colonização um meio de descarregar ao Novo Mundo tudo que não fosse mais desejável ao Velho” (KARNAL *et al.*, 2007 p. 50).

Vale ressaltar que, além de camponeses pobres e indigentes, as pessoas consideradas indesejáveis pelo poder central também foram seduzidas pela ideia da abundância nas terras americanas, além da promessa de liberdade de movimento e de culto para quem se dispusesse a emigrar para as terras que futuramente formariam o que hoje conhecemos como os Estados Unidos da América.

---

<sup>6</sup> Segundo W. A. Speck (2013), o século XVII foi marcado pela Revolução Inglesa — um conjunto de guerras civis entre os anos de 1640 e 1688 que marcaram a ascensão da burguesia e a consolidação da monarquia parlamentarista como regime político da Inglaterra.

<sup>7</sup> Segundo Boris Fausto (1996), esse processo diferiu-se da colonização ibérica, em que toda a terra era território estatal.

A transformação política e religiosa<sup>8</sup> na Inglaterra também permitiu que diversos grupos religiosos de origem protestante emigrassem às terras norte-americanas. Esse aspecto, somado ao fato da livre interpretação da Bíblia nessa ilha europeia, foi crucial para a criação de um sistema social diferente do observado nas colonizações hispânicas, pois houve um incentivo à educação com base em ideais caros ao capitalismo. Segundo os autores,

Em 1647, Massachusetts publica uma lei falando da obrigação de cada povoado com mais de cinquenta famílias em manter um professor. O texto dessa lei torna-se interessante por suas justificativas: sendo um projeto principal do Velho satanás manter os homens distantes do conhecimento das Escrituras, como em tempos antigos quando as tinham numa língua desconhecida (KARNAL *et al.*, 2007, p. 55).

O incentivo à educação tinha fundamentação religiosa e liberal. Dessa forma, com o intuito de incentivar a formação de pessoal para gerenciamento das colônias, muitas das maiores universidades surgiram nesse período. Ainda que com caráter religioso, durante o século XVII e XVIII, o investimento em educação fez com que os índices de analfabetismo nas treze colônias e a qualidade da própria formação fosse superior, inclusive, a muitas instituições europeias. Com isso, vários quadros especializados foram formados para cuidar da administração da colônia.

Além dessa particularidade no âmbito educacional, houve uma grande diferença interna no que diz respeito à colonização das regiões norte e sul do país. As colônias do norte tinham um clima semelhante ao europeu, por conseguinte, nenhum produto que a Inglaterra necessitasse seria produzido ali. Já nas do sul, o solo e o clima propiciavam a monocultura, o que impulsionou a expansão agrícola e o uso de mão de obra escrava, ainda que adotada lentamente, visto que a mão de obra servil era muito forte no século XVII. Esses fatores resultaram em uma economia desigual nessa região: por um lado, as colônias do norte conseguiram desenvolver melhor seu mercado interno e um parque industrial para os moldes da época, enquanto as colônias do sul se dedicaram quase que exclusivamente para a exportação de *commodities* agrícolas.

Em termos populacionais, a chegada do europeu trouxe muitas doenças que dizimaram uma considerável parcela da população indígena. Com a escassez de mão de obra, sobretudo nas colônias do sul, o primeiro navio com escravos chegou à Virgínia em 1619 e, ainda que houvesse a servidão branca, nos próximos séculos a escravidão esteve presente em todas as

---

<sup>8</sup> Com a morte da rainha Elizabeth I – que não deixou herdeiro direto – o poder foi transferido da Casa de Tudor para a Casa de Stuart. Com reis absolutistas, algumas medidas de ordem econômica, política e religiosa desagradaram o parlamento e a população, o que resultou em vários conflitos no país (SPECK, 2013).

colônias, amparada por leis discriminatórias que abreviavam a expectativa de vida da população negra.

Esses fatores, além do desenvolvimento natural da população e, posteriormente, as consequências da guerra de sucessão espanhola<sup>9</sup>, fizeram com que a região recebesse vários fluxos de contingente populacional provenientes da Alemanha, Escócia, Irlanda, Escandinávia e França. Isso acabou influenciando decisivamente no aumento populacional dos Estados Unidos, quando, por exemplo, no ano de 1700, 250 mil pessoas habitavam as treze colônias – às vésperas da independência, em 1776, esse valor foi multiplicado por dez.

Essas levas multiculturais de imigrantes que ao longo das décadas foram chegando, favoreceu decisivamente para a diversificação étnica e cultural da colônia, o que acabou contribuindo para a construção de uma sociedade competitiva, com um modo de vida fundamentado na agricultura para a produção de bens alimentícios essenciais, extração de minério, comercialização desses produtos e foco no mercado interno.

## 2.2 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA À ASCENSÃO ECONÔMICA

O processo de independência dos Estados Unidos da América foi influenciado diretamente pelas constantes guerras entre as potências europeias nos séculos XVII e XVIII. Entre elas, foi a Guerra dos Sete Anos e seus desdobramentos que acabou exercendo ingerências nas contradições que levaram os colonos a planejar o fim do vínculo com a metrópole europeia.

Esta guerra — que durou de 1756 a 1763 e envolveu algumas das grandes potências europeias — teve como grande vencedora a Inglaterra, mas acabou gerando um saldo muito negativo para este país em termos econômicos. Então, numa tentativa de angariar fundos para reoxigenar a economia, a metrópole não respeitou a histórica autonomia da colônia e enrijeceu suas relações com os colonos norte-americanos com a cobrança de impostos e a limitação na exploração das terras conquistadas.

Segundo a historiadora Susan-Mary Grant (2014), a política pós-guerra adotada pela Inglaterra gerou profunda insatisfação dos colonos, sobretudo após a promulgação da lei do açúcar (1764), que previa o aumento do imposto sobre e exclusivamente o consumo de açúcar inglês; a lei da moeda (1764), que proibia as colônias de emitir papel-moeda; a lei do selo

---

<sup>9</sup> Segundo Raymond Carr (2004), a Guerra da Sucessão Espanhola ocorreu entre 1701 e 1714, envolvendo diversas monarquias europeias em torno dos direitos de sucessão da coroa espanhola.

(1765), que taxava todo o papel impresso nas colônias e a lei do chá (1773) que também aumentava as taxas de comercialização de chá.

Para além da insatisfação com as referidas leis, a influência dos ideais iluministas e a crise do absolutismo europeu também colaboraram para a agitação popular nas treze colônias e o surgimento de lideranças que acabaram organizando dois congressos continentais.

O primeiro congresso aconteceu em 1773 na Filadélfia visando cessar as medidas restritivas e restabelecer a autonomia política da colônia. No evento foi redigido um documento direcionado ao Rei Jorge III, mas que acabou sendo rechaçado pelas autoridades inglesas. Mais tarde, como resposta às pretensões dos colonos, o país aumentou o efetivo de soldados ingleses na América.

Já o segundo congresso, acontecido no ano de 1776, também na Filadélfia, desta vez com a participação das treze colônias, objetivou romper todos os laços com a metrópole inglesa. Com isso, a declaração de independência foi redigida em 4 de julho, proclamando o surgimento dos Estados Unidos da América. Segundo os autores,

Os problemas que a declaração de independência enumera já são nossos conhecidos: as leis mercantilistas, as guerras que prejudicavam os interesses dos colonos, a existência de tropas inglesas que os colonos deviam sustentar, etc. A paciência dos colonos, sua calma e ponderação são destacadas em oposição à posição intransigente e autoritária do rei da Inglaterra, no caso, Jorge III (KARNAL *et al.*, 2007, p. 107).

A reação contrária da metrópole foi rápida. Ao não aceitar os termos da declaração de independência, a guerra entre as partes iniciou-se no ano de 1776 e se estendeu até 1783, quando a Inglaterra capitulou após os colonos receberem apoio militar e financeiro da Espanha e da França, duas potências inimigas da Inglaterra no continente europeu. Finalmente, as ex-colônias inglesas da América do Norte lograram sua independência e se autointitularam os Estados Unidos da América com a promulgação da carta constitucional em 1787, prevendo uma república federalista baseada em ideais iluministas.

A independência das Treze Colônias as converteu praticamente em estados independentes sob o modelo federalista. As ex-colônias do norte concentraram-se no desenvolvimento da indústria, o que acabou abrindo o país para uma imigração em massa de europeus que já possuíam o know-how que os permitisse operar o trabalho nas fábricas. Já as ex-colônias do sul adotaram o modelo de plantation, com grandes propriedades rurais que se valiam da mão de obra escrava – o que também contribuiu para a vinda de milhares imigrantes africanos sob o regime de escravidão.

Apesar desses dois polos possuírem uma complementaridade econômica<sup>10</sup>, as lideranças do Norte ficaram bastante incomodadas com a existência do regime escravista nos estados do Sul, já que eles eram liberais e com uma política voltada para as liberdades individuais e para a defesa do direito à pequena propriedade. Para eles, segundo Karnal *et al.* (2007), não era compreensível que um país, uma República Federativa, fosse unido politicamente por duas perspectivas completamente antagônicas.

Então, sete décadas depois da independência, iniciou-se um conflito armado entre as ex-colônias do norte e do sul em 12 de abril de 1861 e só teve fim em 22 de junho de 1865, com derrota dos sulistas e consequente avanço do modo de produção capitalista por todo o país – que acabou abrindo caminho para novos fluxos migratórios para a jovem nação.

Além da aceleração do processo de industrialização, o final do século XIX se caracterizou pela descoberta de petróleo e a consequente ampliação de outros setores industriais, como a indústria automotiva e metalúrgica. Esse fato também impulsionou a imigração: entre os anos de 1870 e 1910 o país recebeu cerca de 20 milhões de pessoas (FREITAS, c2021).

Também podemos apontar as guerras mundiais como eventos que consolidaram a ascensão da economia estadunidense e o aumento exponencial do seu PIB. Nas duas ocasiões, o país foi fiador de outras nações, tornou-se um dos fornecedores agrícolas do planeta, uma das principais indústrias bélicas e foi coparticipante do grupo de países vencedores de ambos os conflitos. Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, o país foi o grande responsável pela distribuição de alimentos e armamento para a França e Inglaterra, resultando na criação de milhares postos de trabalho. Inclusive, esse momento foi decisivo para a entrada das mulheres em funções até então restritas a homens nas indústrias.

Após o fim do conflito, a popularidade dos Estados Unidos da América como ‘terra de esperança’ baseada em pilares de liberdade e oportunidade fez com que o país recebesse milhares de imigrantes, processo impulsionado pelos cercamentos das áreas rurais. O historiador João Carlos Jarochinski Silva (2013, p. 10) destaca que o perfil dos imigrantes recebidos era, em sua maioria, formado por “[...] homem solitário que só terá a companhia de sua família muito tempo depois [...] a massa de imigrantes era formada por pessoas muito pobres”.

Por outro lado, o aumento da demanda por vistos de imigração nos consulados estadunidenses sediados nos países que apresentavam vulnerabilidade econômica, fez com

---

<sup>10</sup> As indústrias têxteis (que fabricavam tecido) do Norte necessitavam do algodão do Sul, que, por sua vez, voltava para o sul na forma de produto, como roupas (KARNAL *et al.*, 2007)

que o governo criasse normas que limitavam o fluxo migratório. É o caso do Atos de Imigração de 1921, que fixou um número limite da entrada de pessoas no país. (REIS, 2003, p. 49-50 *apud* SILVA, 2013, p. 12), afirmam que o Ato das Origens Nacionais de 1924, norma similar a primeira, “[...] assentou a discriminação racial na legislação, sob o argumento de que ela refletia os interesses da população já assentada, que era basicamente, manter a homogeneidade racial”. Assim, a imigração passou a ser seletiva, em outras palavras, as demandas de africanos e asiáticos eram desvalorizadas em comparação a dos cidadãos europeus.

Já a Segunda Guerra Mundial foi, para os Estados Unidos da América, uma guerra contra o nazismo e o militarismo japonês após a intensa campanha propagandística empreendida pelo governo de Franklin Delano Roosevelt para obter o aval da opinião pública estadunidense<sup>11</sup>. Em termos econômicos, o país consolidou-se como a maior potência mundial, tendo seu PIB dobrado em apenas quatro anos.

Figura 1 – Charge de 1942<sup>12</sup>



Fonte: Biblioteca da Universidade da Califórnia em San Diego (WHAT HAVE..., c2013).

O sucesso econômico aumentou a influência do país no sistema internacional e expôs de vez as contradições ideológicas com outra potência, qual seja, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que apesar de lutarem no mesmo lado na Segunda Guerra Mundial acabaram entrando em colisão, dando início à Guerra Fria.

A polarização política e ideológica entre esses dois países resultou em diversos acontecimentos históricos — como a corrida armamentista e a corrida espacial — que

<sup>11</sup> Conforme dados de Kohn (2016), esse apoio resultou em mais de 16 milhões de americanos se prontificando a ser às Forças Armadas naquele período.

<sup>12</sup> Tradução nossa: “O que você faz hoje para ajudar a salvar o seu país deles?”.

impulsionaram o desenvolvimento bélico e tecnológico dos Estados Unidos. Isso criou um fluxo de imigração, mas dessa vez de cientistas, engenheiros, físicos e profissionais destacados em suas áreas de atuação (GRANT, 2014). Inclusive, cientistas alemães que estavam à serviço Terceiro Reich<sup>13</sup> emigraram para os Estados Unidos da América para fazer parte dos quadros profissionais de empresas estatais como, por exemplo, a NASA.

Um ponto evidenciado por Karnal *et al.* (2007) foi a consolidação dos Estados Unidos da América como principal destino para os imigrantes quando, a partir dos anos 50, construiu-se na memória coletiva uma ideia de que este país gozava de estabilidade financeira e abundância de oportunidades de trabalho. Segundo os autores, essa memória foi edificada pelos índices econômicos<sup>14</sup> difundidos pela mídia internacional.

Outra questão que reforçou a imagem de principal “destino migratório do mundo” foi a difusão da cultura estadunidense por meio da indústria cultural, pois a sociedade na pós-modernidade – que, segundo Stuart Hall (2002), se caracteriza pela multiplicidade indenícia – tende a idealizar determinado país a partir do consumo que faz de seus produtos. No caso dos Estados Unidos da América, os pujantes índices econômicos, a difusão do *American Dream* por filmes, musicais e o consumo de marcas estadunidenses certamente fomentaram o aumento do fluxo migratório para aquele país.

### 2.3 O PAPEL DOS IMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Dentre as várias nacionalidades que buscaram os Estados Unidos da América como destino migratório, destaca-se a mexicana. Além das relações históricas com o país latino-americano<sup>15</sup>, o governo estadunidense facilitou, ao longo da história, a entrada de mexicanos, pois eram de serventia como trabalhadores braçais na produção agroindustrial localizada no sul do país.

Atualmente, os mexicanos se constituem no grupo social mais numeroso entre os imigrantes que fixaram residência no país. Segundos dados do Migration Policy Institute (U.S. IMMIGRATION... [2017]), majoritariamente esses imigrantes têm idade entre 20 e 54

---

<sup>13</sup> Nome comum para a Alemanha durante o período nazista controlado por Adolf Hitler.

<sup>14</sup> Entre os anos de 1945 e 1960, por exemplo, o PIB cresceu 250%, com renda familiar crescente e baixas taxas de desemprego e inflação (KARNAL *et al.*, 2007)

<sup>15</sup> Vale lembrar que os Estados Unidos e México já entraram em guerra. Destaca-se a Guerra Mexicano-Americana de 1846 – 1848, primeiro grande conflito impulsionado pelas ideias do Destino Manifesto, isto é, a crença de que os Estados Unidos tinham o direito divino de expandir suas fronteiras por toda a América (GRANT, 2014).



anos, ou seja, uma faixa etária que compreende pessoas aptas ao mercado de trabalho – o que nos leva a crer que a questão laboral é determinante para a escolha deste destino.

Um dos programas mais relevantes de imigração direcionados aos mexicanos é o Bracero Program, uma série de acordos diplomáticos sobre o trabalho agrícola mexicano. O referido programa teve fim em 1964, mas não diminuiu o fluxo migratório de mexicanos, pois durante os anos 70 e 80 o México enfrentava uma forte crise econômica. Esse conjunto de leis apenas evidenciou que as políticas de imigração estadunidenses se moldavam conforme o contexto econômico da época.

Em 1965, um novo Ato de Imigração deu fim aos padrões raciais e étnicos de imigração, mas estabeleceu critérios para a recepção dessas pessoas, destacando-se as habilidades profissionais e a concessão de vistos para imigrantes considerados refugiados. Ao todo, foram sete critérios que resultaram no aumento da entrada de latino-americanos e asiáticos em território estadunidense. Esse novo ato suscitou o debate entre refúgio e imigração durante os anos 80 – um período muito conturbado em termos econômicos para os países subdesenvolvidos.

Depois de quinze anos de muito debate sobre essa temática, em 1986, foi estabelecido o *Immigration Reform and Control Act* com o intuito de reduzir o número de imigrantes ilegais nos Estados Unidos através de um programa de anistia e reduções de benefícios aos empregadores. Na verdade, percebeu-se apenas o aumento do controle nas fronteiras. Os empregadores praticamente não foram punidos, já que o retorno econômico, principalmente para os proprietários da agroindústria do sul, era de suma importância para a economia do país.

Ao longo da década de 1990, novos atos permitiram a ampliação da concessão de vistos, mas se restringiram a alguns grupos minoritários como, por exemplo, dos imigrantes investidores. Conforme se observava um aumento na demanda de vistos, o debate político sobre o tema foi acentuado, com destaque para o imigrante ilegal.

Porém, vale ressaltar um comportamento contraditório por parte das autoridades estadunidenses em relação aos imigrantes ilegais nas últimas décadas. Enquanto empreenderam grandes operações para combater a entrada dos imigrantes em seu território, comumente não fizeram grandes esforços para expulsá-los<sup>16</sup>, pois os trabalhadores

---

<sup>16</sup> Exceto em períodos específicos, como é o caso da expulsão de imigrantes ilegais haitianos retidos no Texas semanas depois do assassinato do presidente do país, Jovenel Moïse, no dia 7 de julho.

imigrantes<sup>17</sup> representavam uma força de trabalho essencial para setores de produção do país, além de serem trabalhadores sem direitos laborais, o que exige o Estado de ser responsável pelo seu bem-estar.

#### 2.4 O 11 DE SETEMBRO E A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A forma como o governo estadunidense passou a tratar do tema “imigração” mudaria de forma radical após o conjunto de ações terroristas executadas no dia 11 de setembro de 2001, quando quatro aviões comerciais<sup>18</sup> foram sequestrados por terroristas da Al Qaeda para serem utilizados como armas para atacar as duas torres principais do complexo do World Trade Center<sup>19</sup>. De acordo com o jornalista Garrett Graff (2021, p. 17), o ataque foi um dos acontecimentos mais importantes da nossa época em termos geopolíticos e que viria a definir “[...] não apenas uma geração, mas nossa era moderna”.

**Figura 2 – Ataque às Torre Gêmeas, em 11 de setembro de 2001**



Fonte: 14 fotografias... (2017).

<sup>17</sup> Apesar da importância dos imigrantes para a economia estadunidense, Steven Camarota e Karen Zeigler (2016) destacam que 47,6% dos trabalhadores que não completaram o ensino médio são imigrantes. O baixo nível escolar resulta em uma camada marginalizada na sociedade daquele país, visto que os ganhos financeiros e o bem-estar social é menor em relação aos nativos.

<sup>18</sup> Um desses aviões atingiu o pentágono e o outro caiu em um campo aberto no Estado da Pensilvânia.

<sup>19</sup> Ao todo, os atentados de 11 de setembro causaram a morte de 2996 pessoas, entre eles os dezenove terroristas que efetuaram os sequestros dos aviões (GRAFF, 2021).

A reação do governo estadunidense ao pior ataque terroristas da história do país foi imediata e concentrada, inicialmente, no esvaziamento do espaço aéreo e no reforço da segurança nas fronteiras e aeroportos. A concessão de vistos também foi suspensa e as representações diplomáticas dos Estados Unidos da América no exterior ganharam especial atenção por parte das autoridades, pois durante as primeiras semanas pós-ataque o governo de George W. Bush ainda investigava a operacionalização dos ataques.

A questão securitária foi prioridade no governo de George W. Bush, pois havia muito medo de novos atentados entre a população civil. Catherine Dauvergne (2008) destaca que em 2006, por exemplo, o congresso aprovou o financiamento de 34 bilhões de dólares para a segurança de portos e fronteiras, além do número de agentes de fronteiras dobrar entre 2001 e 2008. A ideia da construção de muros, que veremos nos capítulos a seguir, entre os países, também é um dos efeitos diretos desse episódio.

Entretanto, foram os imigrantes — sobretudo de países islâmicos — que tiveram suas vidas definitivamente afetadas, pois foram hostilizados e “[...] acusados, dessa vez, pela insegurança que domina o país” (SILVA, 2013, p. 18). Naquele momento, os atentados nortearam o debate público<sup>20</sup> no país e acabaram persuadindo boa parte da população à ideia de que os imigrantes seriam uma ameaça ao mundo ocidental, à democracia e à segurança interna.

Pressionado pela opinião pública estadunidense, o governo Bush assinou, em 26 de outubro de 2001, um decreto que visou aumentar a segurança dos estadunidenses. O texto do USA Patriot Act (2001) permitia que o Departamento Federal de Investigação (FBI) e a Agência Central de Inteligência (CIA) interceptassem ligações telefônicas, *e-mails* pessoais e corporativos, e toda e qualquer comunicação de pessoas que eram consideradas supostamente suspeitas. O decreto gerou uma grande polêmica, sobretudo em relação à imigração, pois aumentou o poder investigativo do Serviço de Imigração e Naturalização (INS), resultando em várias denúncias de maus tratos aos imigrantes mais vulneráveis. Além da adição de novas provisões reforçando as detenções, sobretudo de estrangeiros.

O referido decreto foi prorrogado várias vezes até 2011, quando o então presidente Barack Obama sancionou a extensão do USA Patriot Act por mais quatro anos, isto é, até 27 de julho de 2015. Entretanto, essa experiência emergencial acabou afetando definitivamente

---

<sup>20</sup> Segundo Gomes, W. (2001), o debate público é o âmbito opinativo da esfera pública contemporânea.

não só a vida do imigrante já estabelecido nos Estados Unidos da América, mas também os cidadãos internacionais que desejavam emigrar para o país.

Ao longo dos anos, outras ações governamentais afetaram a questão da imigração nos Estados Unidos da América pós-11 de setembro. Em 2002, a título de exemplificativo, foi aprovada a Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América – apelidada de Doutrina Bush<sup>21</sup> –, que previa a autodefesa antecipada e ataques preventivos. Segundo Gonçalves e Teixeira (2020, p. 188):

(Bush) declarou seu compromisso de priorizar a Guerra Global ao Terror. Guiou-se pelo unilateralismo e recorreu ao medo como fator de coesão social interna para levar adiante sua política de fortalecimento do poder de Estado, assim como recorreu ao investimento em recursos para aumentar a projeção de poder.

Em outras palavras: a lógica era atacar antes e perguntar depois. Essa doutrina antiterrorismo ressaltava a ideia de “segurança internacional” para persuadir a opinião pública de que os Estados Unidos da América buscavam, em seus atos, zelar pela ordem internacional.

Porém, as ações governamentais empreendidas pelo Governo Bush em relação à segurança nacional acabaram potencializando a xenofobia no país, o medo entre os imigrantes legais e ilegais – que poderiam ser considerados, a qualquer momento, como potenciais terroristas – e a atenção da opinião pública estadunidense. Isso acabou convertendo as questões migratórias num dos temas mais presentes nas prévias democratas, republicanas e nas campanhas presidenciais dos Estados Unidos da América desde a eleição de 2004, quando o republicano Bush foi reeleito ao vencer o democrata John Kerry.

---

<sup>21</sup> Segundo Tadeu Morato Maciel e Paulo Roberto da Silva Vieira (2020), a política foi estabelecida através de documentos que formularam uma nova estratégia de segurança de combate aos grupos considerados fundamentalistas

### **3 PERFIL BIOGRÁFICO DE DONALD TRUMP: REPERCUSSÕES MIDIÁTICAS**

Como foi exposto no capítulo anterior, a imigração se configurou num dos principais fenômenos sociais que nortearam a construção dos Estados Unidos da América como nação. Por isso, o tema sempre fez parte das pautas das mais notórias personalidades políticas do país, desde o primeiro presidente, o independente George Washington (1789-1797) até o democrata John Biden, atual mandatário.

Entretanto, devido aos problemas de ordem econômica e social enfrentados pelos Estados Unidos da América, sobretudo após a crise financeira provocada pela especulação imobiliária em 2008, o tópico imigração alcançou uma relevância jamais vista a partir de 2015, quando Donald John Trump anunciou sua candidatura à presidência.

Visando entender a importância e a ênfase dadas ao referido tema na agenda política do 45º presidente da nação mais poderosa do planeta, neste capítulo foi desenvolvida uma síntese da trajetória de Donald Trump – desde a sua origem, sua carreira como empresário de sucesso, personagem midiático até suas incursões na política. Além disso, a explicitação de como ele abordou os problemas oriundos da imigração em sua vitoriosa campanha presidencial e como empreendeu sua política entre os anos de 2017 e 2021.

#### **3.1 DONALD JOHN TRUMP: DE MEGAEMPRESÁRIO À PERSONAGEM MIDIÁTICO**

Donald John Trump nasceu em 1946 no bairro de Queens, na cidade de Nova York, em uma família de imigrantes com ascendência escocesa e alemã. Apesar de confortável, nos primeiros anos a sua família não tinha um modo de vida luxuoso. A ascensão econômica definitiva dos Trump aconteceu quando seu pai, Fred Trump, passou a construir apartamentos em seu bairro, notadamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando também construiu quartéis e apartamentos para a marinha estadunidense ao aproveitar o aumento no orçamento federal de incentivo à moradia (QUEM FOI..., 2019). Essa prática, inclusive, fez com que o Congresso o convocasse em 1954 para explicar como se davam as vendas de imóveis com os subsídios dados pelo governo.

Já com o pai ocupando uma posição de destaque no ramo imobiliário, Donald Trump foi matriculado num internato militar por conta da sua conduta agressiva enquanto adolescente. Segundo ele, foi em meio a essa experiência que aprendeu a canalizar sua agressividade e desenvolver suas primeiras disputas de liderança (DE ADOLESCENTE..., 2016).

Anos depois, com 22 anos e já formado em Economia pela Universidade da Pensilvânia, Trump entrou para os negócios do pai, a organização Elizabeth Trump & Son – que depois se tornaria o conglomerado The Trump Organization –, atuando principalmente com aluguéis de imóveis na cidade de Nova York. Ao iniciar no ramo imobiliário, ele herdou não apenas a fortuna do seu pai, mas também a capacidade de crescer em momentos oportunos e de aproveitar brechas fiscais.

Nos anos 70, por exemplo, quando Nova York enfrentava uma de suas piores épocas em termos econômicos e sociais, Trump conseguiu reerguer o Hotel Commodore — um empreendimento de dois mil quartos que era um importante símbolo da cidade — ao traçar um plano para a reforma, geração de postos de trabalho e incentivo ao turismo, mesmo sem a possibilidade de contrair um empréstimo bancário superior a 30 milhões de dólares. Com uma proposta ousada de isenção de impostos por 40 anos, destinada à prefeitura, Donald Trump se consolidou definitivamente como empresário de sucesso.

Ao ter êxito no âmbito empresarial, Donald Trump passou a ganhar uma maior visibilidade ao conceder entrevistas em redes de televisão nacional. Nessas aparições midiáticas, ele sempre reafirmava suas ambições, com uma postura firme de que seu projeto seria a salvação que a cidade precisava, o que conferia um tom político às suas afirmações. Essa estratégia pode ser sintetizada pela política de imagem, definida por Gomes (2004) como a criação, produção e construção de imagem pública conveniente aos propósitos, assegurando a presença do ator político na esfera de visibilidade pública dominante.

A performance de Trump em suas primeiras incursões na mídia foi discutida no documentário “Trump: um sonho americano”. Nele, algumas testemunhas afirmaram que “ele (Trump) era muito bem apresentável, cheio de entusiasmo e otimismo” ou que “ele falava em termos hiperbólicos: espetacular, maravilhoso, o melhor, o maior de todos”, isto é, sempre demonstrando confiança não apenas nas potencialidades do país, mas sobretudo na sua maneira de fazer negócio. Tal método se baseava em relações estreitas com políticos, como era o caso do prefeito de New York, Abraham Beame, que acabou facilitando a construção de um hotel de grandes proporções em apenas dois anos e meio.

Essa forma incisiva, muitas vezes agressiva, de se portar diante das câmeras, sem a habitual preocupação em ser politicamente correto é percorrida abertamente por Donald Trump em seu livro “América Debitada: como tornar a América grande outra vez”, publicado nos Estados Unidos em 2015 e no Brasil um ano depois:

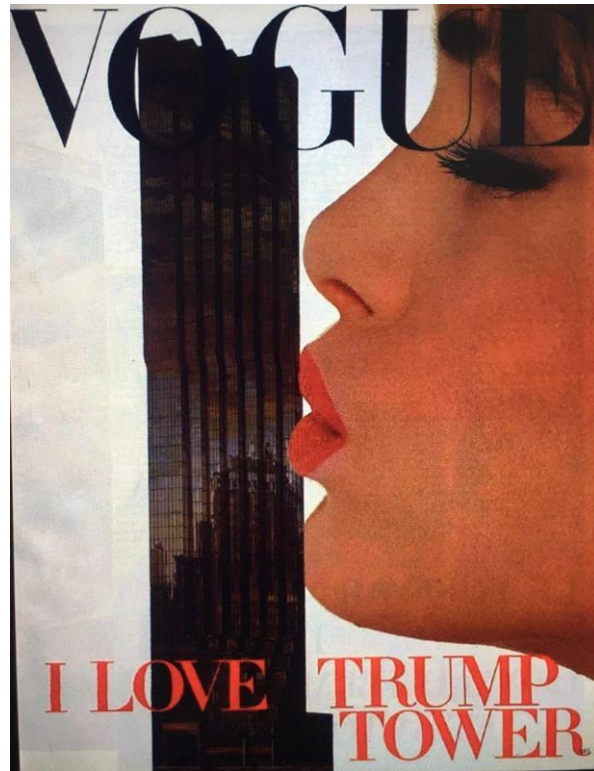
Não me importo de ser atacado e uso a mídia do modo como ela me usa — para atrair a atenção [...] Aprendi há muito tempo que, se você não tem medo de falar abertamente, a mídia escreverá sobre você ou suplicará para você aparecer em seus programas (TRUMP, 2016, p. 24).

Além do êxito no campo empresarial, Trump soube, temporalmente, utilizar a mídia como uma plataforma que impulsionou sua popularidade entre os americanos, pois, como afirma Gomes (2006, p. 13) “[...] se tornou lugar comum entender que a disputa política se converteu, em grande parte, em uma competição por visibilidade na mídia”. Em 1980, quando o antigo hotel Commodore foi relançado e rebatizado como Grand Hyatt New York, com uma grande cobertura da mídia impressa e televisiva, Trump, então com apenas 34 anos, se projetou como uma figura crucial na recuperação da cidade de Nova York.

Na mesma década, três anos depois, seria lançado o principal empreendimento da organização: a Trump Tower – um arranha-céu de 58 andares, localizado na 5ª avenida. No documentário “Trump: um sonho americano” (TRUMP..., 2017) é retratado que já sob o mandato do prefeito Ed Koch, Trump conseguiu novamente 40 anos de isenção de impostos, dada a capacidade da geração de empregos. Imediatamente após o lançamento, a Trump Tower se tornou um dos edifícios mais valorizados e conhecidos do mundo, atraindo milhares de visitantes.

O sucesso alcançado pelo empreendimento evidenciou não só a capacidade de Trump como magnata da construção, mas, especialmente, de como gerir sua imagem pública amparando-se na exposição midiática. Quando Trump (2016, p. 25) afirmou que “[...] a imagem que criei por meio da mídia habilitou-me a construir uma das marcas mais luxuosas do mundo”, ele não está exagerando, pois, como evidenciado no documentário “Trump: um sonho americano” conseguiu vender dezenas de apartamentos por preços acima da média. A conversão do Trump Tower como símbolo de *status* social foi estampada na capa da revista Vogue Paris em 1983, na qual se vê uma modelo beijando uma réplica do Trump Tower como se este fosse um objeto de fetiche.

**Figura 3 – Capa da Revista Vogue no ano de lançamento da Trump Tower**



Fonte: Undercover... ([2021?]).

Por outro lado, quando assumiu os negócios da família, o comportamento público de Trump, bem como a isenção de impostos que conseguiu junto a vários mandatários da cidade de New York suscitou críticas por parte da imprensa. No documentário “Trump: um sonho americano” (TRUMP..., 2017), por exemplo, uma entrevistadora questiona o porquê de um multimilionário como ele continuar recebendo benefícios do governo. Para esse e outros questionamentos, Trump utilizava-se de palavras de baixo calão ou de insultos, o que acabaria por configurar, ao longo dos anos, o “estilo Trump” no tratamento com a grande mídia estadunidense.

No momento em que se ampliou o debate público acerca desse tipo de benefício ao empresariado, Trump intensificou suas doações beneficentes — como foi o caso da reforma da pista pública de patinação no Central Park em 1980. Esse esforço de relações-públicas nos remete ao início do século passado, quando, segundo Cândido Teobaldo de Souza Andrade (2005), John Rockefeller, com a orientação de Ivy Lee, destinou parte da sua fortuna para a construção de sua imagem como filantropo numa tentativa angariar simpatia da opinião pública estadunidense.



**Figura 4 – Donald Trump na pista pública do Central Park em 1980**



Fonte: Popken e Ruhle (2021).

O aumento do patrimônio de Trump cresceu substancialmente na década de 80. Foram adquiridos vários imóveis luxuosos, uma companhia aérea, um iate de luxo, um time de futebol e diversos cassinos por todo país. Uma estratégia comercial utilizada era instigar a rivalidade entre as empresas do mesmo grupo, o que acabava gerando mídia gratuita, e consequentemente, consolidação da marca em diversos ramos de negócio.

Entretanto, grande parte desses bens foram vendidos na década seguinte para pagar alguns dos seus empréstimos. Precisando se reinventar, Trump novamente decidiu se aproximar da mídia, dessa vez licenciando a marca ‘Trump’ para outros empreendimentos e adquirindo a franquia do Miss Universo. Além disso, publicou o livro “A arte do retorno”, alusão ao nome do seu primeiro livro “A arte da negociação”, para contar como superou esse período.

A partir de então, Trump se tornou um homem da mídia ao publicar vários livros, fazer participações em mais de doze filmes de longa-metragem e catorze séries televisivas. No entanto, a investida midiática que lhe rendeu mais notoriedade foi em 2004, quando ele passou a apresentar o *reality show* “The Apprentice”, programa focado na batalha de executivos disputando uma vaga para trabalhar nas empresas de Trump. O *reality*, exibido nos

Estados Unidos até 2017, se tornou uma franquia extremamente lucrativa, ao ponto de ser exportada para outros países, como o Brasil<sup>22</sup>.

Henry Jenkins (2015), consagrado estudioso das Ciências da Comunicação, analisou a relação entre *merchandising* e o programa “O Aprendiz” em seu livro “Cultura da Convergência”. O autor aponta que o programa acabou se tornando uma espécie de laboratório para diferentes abordagens que objetivam estabelecer interpretações sobre os entretenimentos de massa mais recentes. No caso específico do The Apprentice, um aspecto primordial é a “marca como protagonista” como afirma Jenkins (2015), visto que Donald Trump escalou a si e seu império corporativo como protagonistas, em uma narrativa de que trabalhar no seu império seria a maior oportunidade que um jovem poderia ter.

**Figura 5 – Abertura do programa The Apprentice de Donald Trump**



Fonte: The Apprentice Wikipédia (2021).

### 3.2 TRUMP NA POLÍTICA: DAS PRIMEIRAS INCURSÕES ÀS ELEIÇÕES DE 2016

O sucesso na televisão e o conseqüente aumento da sua popularidade nos lares estadunidenses encorajaram Donald Trump a ingressar na política. Ele chegou a cogitar candidatar-se à presidência em 1988, 2004 e 2012, mas afirmava publicamente que só disputaria se tivesse a certeza da vitória. Foi então que, descontente com a política durante os dois mandatos de Barack Obama e com a certeza de que teria reais chances de vitória no pleito eleitoral, lançou sua candidatura ao governo dos Estados Unidos da América com uma retórica direta, agressiva e muitas vezes polêmica, mas que alcançava os lares da chamada

<sup>22</sup> No Brasil foi apresentado por Roberto Justus e João Dória.

América Profunda<sup>23</sup>. O politicamente correto, conduta que costuma nortear as candidaturas à presidência no país, era contestada pelo próprio Trump (2016, p. 22), que afirmou categoricamente “[...] que o maior problema que esse país tem é ser politicamente correto. Francamente, não tenho tempo para ser politicamente correto por completo”.

Um dos pontos altos de sua atuação como potencial candidato do Partido Republicano foi quando questionou publicamente diversas vezes a nacionalidade do presidente Barack Obama, pois suscitava na população a dúvida se Obama era, de fato, estadunidense ou era queniano, como seu pai. O impacto das falas de Trump sobre o tema foi tão grande que obrigou o serviço de Relações Públicas da Casa Branca a divulgar em 2011 a certidão de nascimento do então presidente (EM DISCURSO..., 2016).

Já acostumado a utilizar a comunicação de massa para potencializar seus negócios e lograr a empatia do público, voltou-se para o *Twitter*<sup>24</sup>. Trump utilizou massivamente essa plataforma não só para divulgar suas ideias, mas para compreender também os anseios da população. Foi Peter Costanzo, jornalista que trabalhava numa editora que lançaria um livro sobre Donald Trump, que o introduziu na referida mídia social. A intenção era que o diálogo fosse facilitado com os leitores de seus livros, assim como os fãs da sua carreira como empresário.

Com mensagens diretas, muitas vezes consideradas ofensivas, Trump conseguiu, em pouco tempo, milhares de seguidores, que insistiam que ele formalizasse sua candidatura a presidente. Foi a partir dessa interação com o público que foram definidos os temas que futuramente norteariam sua campanha presidencial. O próprio Peter Costanzo, em depoimento para o documentário “Trump: um sonho americano”, afirma que “[...] o *Twitter* era o nosso grupo focal [...] Eu olharia para a quantidade de *retweets* e ele para a questão. [...] meu barômetro estava acima de 100 *retweets*. Se fossem 100 *retweets*, era uma questão que estávamos vencendo” (TRUMP..., 2017). Como bem disse Maria Helena Weber (2009, p. 260): “[...] todos os sujeitos políticos cobiçam a aprovação pública, tornando-se dependentes de outras visibilidades não específicas do campo político”.

Enquanto a candidatura à presidência ia sendo construída, Trump e sua equipe aperfeiçoaram sua propaganda nas redes sociais. Como já tinham ciência de quais eram as principais questões que inquietavam o povo estadunidense, desenvolveram um discurso político direto, com frases curtas e ofensivas, já características do magnata e personagem

---

<sup>23</sup> Entendida aqui como os eleitores do interior do país, com inclinações políticas mais conservadoras - público com papel primordial para a eleição de Trump.

<sup>24</sup> O foco da rede social é a criação e o compartilhamento de mensagens curtas pelos usuários e a aproximação de pessoas públicas com os seguidores.

mediático. O sucesso entre uma considerável parcela da população é atestado pelo próprio Trump (2016, p. 21),

Os debates presidenciais normalmente atrairiam uns dois milhões de espectadores, mas na primeira noite tivemos 24 milhões de pessoas sintonizadas [...] essas foram as maiores audiências da história da Fox News e da CNN – superiores às das finais da NBA, da World Series e da maioria das transmissões da NFL.

O Twitter serviu como o megafone do presidente ao longo dos anos. Segundo estimativas das Our World in Data (ROSER; RITCHIE; ORTIZ-OSPINA, [2021?]), 76% das pessoas nos Estados Unidos tinham acesso à *internet* em 2016. O que se observa, então, é um poder de informação mais horizontal, diluído em grupos sociais, com potencial para influenciar diretamente um sistema político de um país (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2019). Esse dispositivo proporcionou a Trump a oportunidade de se aproximar dos seus apoiadores com mensagens que logo se transformariam em notícias nos veículos de comunicação tradicionais, o que potencializava ainda mais seu discurso. Na verdade, os *tweets* mais comentados acabavam ganhando repercussão na mídia mundial, fazendo com que a mensagem atingisse números muito maiores que os seguidores da própria rede social.

A imigração ilegal foi uma das questões mais citadas pelos seus potenciais eleitores, em razão do alto índice de desemprego e de criminalidade em território estadunidense. Sabendo disso, Donald Trump difundiu a ideia de que o preço a se pagar pela imigração ilegal é muito alto e que, caso fosse eleito, adotaria uma política de “tolerância zero”, além da promessa de construção de um muro de 1,6 mil quilômetros ao longo da fronteira meridional. A proposta era que o muro fosse erguido por ele, magnata do ramo de construções, mas pago pelo próprio México. Dessa forma, os Estados Unidos conseguiriam barrar a entrada de imigrantes com uma solução próxima a um “reembolso histórico”.

Figura 6 – Tweets de Donald Trump sobre a construção do muro



Fonte: elaborada pela autora (2021) com base em Twitter de Donald Trump (REAL..., [2021?]).

A propaganda trumpista elegeu os mexicanos como bode expiatório da imigração ilegal nos Estados Unidos da América — como pode ser visto na figura acima. No *tweet* do canto superior esquerdo, por exemplo, Donald Trump escreve, em tradução nossa: “Proteger a fronteira! Construa um muro!”. No segundo, superior direito, “[...] com o México sendo uma das nações mais violentas no mundo, nós devemos ter o muro. México irá pagar por isso através de reembolso/outros”. No terceiro, inferior esquerdo, “México foi classificado como o segundo país mais letal, depois apenas da Síria. Tráfico de drogas é a maior causa. Nós iremos construir o muro!”. Por fim, no quarto *tweet* diz: “Construa um muro & o crime diminuirá!”.

A campanha eleitoral de Donald Trump foi marcada por um discurso ultranacionalista e de perseguição aos imigrantes mexicanos. Diversas foram as falas polêmicas e xenofóbicas durante o discurso que anunciou a sua candidatura em 16 de junho de 2015 (DONALD..., 2015). Na mesma aparição, ele afirmou que os mexicanos eram responsáveis pelo deslocamento de drogas aos Estados Unidos da América, além de serem estupradores. Também afirmou que o México estava “matando economicamente os Estados Unidos da América” e que o país teria se tornado uma “lixreira para o problema de todos os outros”.

Porém, sua retórica agressiva não teve como alvo, apenas, os imigrantes mexicanos. Para ele, toda a América Latina, além do Oriente Médio, também não estava enviando as “pessoas certas”. Ademais, também afirmou que o Oriente Médio estava ficando rico através do terrorismo islâmico, pois teria se aproveitado do petróleo iraquiano depois das tropas estadunidenses deixarem o país.

Após os atentados de Paris em novembro e o de San Bernardino em dezembro de 2015<sup>25</sup>, Trump afirmou em comício que o grande ódio dos muçulmanos pelos Estados Unidos da América atingiu tal ponto que medidas drásticas deveriam ser tomadas. Inclusive, defendeu a proibição da entrada de todos os imigrantes desses países sob o argumento de que os EUA não poderiam ser vítima de ataques horrendos por parte de pessoas que “[...] acreditam apenas no Jihad e que não têm senso de razão ou respeito pela vida humana” (BILENKI, 2015).

Para reforçar seu discurso anti-imigração, foi adotada a estratégia de atrelar o desemprego e a insegurança pública — duas das principais queixas da sociedade estadunidense — à chegada de imigrantes. Isso acabou mobilizando, a seu favor, setores mais conservadores do país, que o levaram a vencer o pleito eleitoral contra a democrata Hillary Clinton, ao conseguir 56,5% dos delegados<sup>26</sup>.

### 3.3 O PERÍODO PRESIDENCIAL (2017-2021)

O período presidencial de Donald Trump foi incomum se compararmos a outras gestões, pois empreendeu uma política externa unilateral — abandonando uma série de tratados internacionais — e governou com a preocupação única de agradar ao seu eleitorado. No geral, o mesmo estilo de comunicação da campanha eleitoral, bastante incisiva e muitas vezes grosseira, se manteve durante os quatro anos de mandato. Em suma, Trump foi fiel a sua promessa de *America first*<sup>27</sup>, isto é, “América em primeiro”.

No que tange a imigração, Trump desmoralizou ainda mais os chamados “indocumentados”. Em vídeo no canal de YouTube da BBC News Brasil (OS 4 ANOS..., 2021), é possível vê-lo afirmando “[...] tem gente que entra no país... não são pessoas, são animais”, além de anúncios e ataques via Twitter. Se a agressividade dos discursos de Donald Trump já havia logrado êxito nas prévias do Partido Republicano e na campanha eleitoral, o que se viu entre 2017 e 2021 foi o reforço dessa estratégia política.

O tema imigração fez parte da sua agenda presidencial durante todo seu mandato. Estima-se que apenas 60% do muro na fronteira com o México tenha sido concluído, visto

<sup>25</sup> O ataque de Paris consistiu em três explosões e seis fuzilamentos ocorridos na noite de 13 de novembro, deixando 137 mortos. Já o tiroteio de San Bernardino, realizado por um casal da Califórnia, deixou 14 mortos. Em ambos os atentados, os responsáveis eram apoiadores do Estado Islâmico.

<sup>26</sup> Vale lembrar que Trump foi eleito sem ganhar no voto popular — foram 2,8 milhões de votos a menos que sua adversária.

<sup>27</sup> A *America First* de Trump, inspirada na plataforma isolacionista dos anos 1930, promete um país voltado para os interesses de sua população, e não para a defesa de um território distante qualquer, ou para a distribuição de ajuda humanitária. Nesse prisma, o governo se preocupa com o fortalecimento da economia nacional e não com o compromisso de exportar a democracia como modelo de regime. (GONÇALVES E TEIXEIRA, 2019).

que Trump encontrou dificuldade no apoio do congresso. Por outro lado, ele obteve uma boa receptividade de uma parcela da população ao posicionar-se sobre o tema imigração de forma tão contundente.

Podemos citar diversas tentativas de restrição do fluxo de imigrantes. Uma das medidas mais polêmicas foi a separação das crianças dos seus genitores nos casos de pessoas que estavam sem documentos e tentavam atravessar a fronteira. Segundo dados do O Estadão (TRANCHES, 2020), a medida levou a separação de 2.700 filhos e, desses, 545 não tiveram seus pais localizados novamente. Além disso, a gestão também forçou os solicitantes de asilo a aguardar pelo fim do processo no México ou em países da América Central – como a Guatemala, país de onde alguns estavam fugindo.

A partir de mutirões de detenção nas fronteiras, o número de deportados foi o maior registro na história recente do país. Conforme os dados divulgados pelo Serviço de Proteção de Fronteiras e Alfândega dos Estados Unidos, o número de brasileiros detidos, por exemplo, aumentou de 1,6 mil em 2018 para 18 mil em 2019 e, mesmo com a pandemia, 7,6 mil em 2020. Os brasileiros, por sinal, passaram a sofrer deportações sumárias<sup>28</sup> em 2019 e 2020, com diversos aviões fretados trazendo-os de volta ao Brasil.

As ações do governo Trump igualmente contribuíram para a crise na Venezuela, que levou ao altíssimo número de emigrantes. Para agradar sua base e atacar o governo Maduro, Trump adotou sanções econômicas radicais, como o congelamento de dinheiro e propriedades venezuelanas nos Estados Unidos da América, além de impedir o pagamento e a transferência desses bens. Dessa forma, instituiu-se o impedimento da assistência financeira, material e tecnológica ao país.

Em relação ao Oriente Médio, logo nos primeiros meses do mandato presidencial, dois decretos buscaram restringir a entrada de imigrantes e não imigrantes de diversas nacionalidades, sobretudo oriundos de países com a maioria da população muçulmana e refugiados de guerra. Nesse contexto, sírios e iraquianos foram os principais alvos de tal política, com a alegação de que as medidas objetivavam impedir a entrada de terroristas no país.

Mesmo durante o período de debates repletos de entraves judiciais até a aprovação final da medida, a imigração desses países foi reduzida, afetando principalmente os cidadãos iemenitas, sírios e iranianos que já estavam em território estadunidense. Uma vez aprovada pela Suprema Corte do país, a medida atuou de modo a, além de deixar as populações

---

<sup>28</sup> Deportação sem nenhum juiz ou processo judicial.

vulneráveis em termos econômicos, aumentar a burocracia na emissão de vistos, levando muitas famílias ao isolamento ao impedir suas reunificações.

Apesar da grande repercussão, sobretudo no exterior, Trump manteve sua ofensiva contra os imigrantes ilegais sem demonstrar nenhuma preocupação com a sua imagem pública internacional. No que diz respeito à relação com o povo estadunidense, a ausência de barreiras físicas que caracterizam as mídias sociais promoveu o estreitamento da relação de Trump com seus seguidores.

### 3.4. A PERSPECTIVA DA IMAGEM PÚBLICA

Como observado ao longo deste capítulo, Donald Trump apoiou a sua carreira na visibilidade proporcionada pela comunicação de massa para atingir grande reconhecimento nos Estados Unidos. Os empreendimentos milionários, seu próprio programa de televisão e até mesmo a eleição presidencial sem carreira política prévia foram possibilitados pela notoriedade de uma imagem pública de sucesso. Mas o que é de fato imagem pública? Como ela se caracteriza? Responderemos essas questões a partir dos tensionamentos das obras de Rudimar Baldissera (2008) Wilson Gomes (1999; 2004) e Maria Helena Weber (2004; 2009).

A ideia de imagem pública se atravessa à algumas variáveis. Primeiramente, se faz necessário diferenciar a imagem conceitual de visual, já que segundo Gomes (2004, p. 353) “[...] imagem pública é imagem”. O autor afirma que, na contemporaneidade, é banal aproximar os discursos de sujeitos e instituições do sentido visual ou estético, visto que a estética em si não necessariamente contribui para a percepção que temos de algo. Sendo assim, a imagem no sentido visual precisa estar associada a outros elementos para a formação da imagem pública.

Nesse sentido, segundo Weber (2004, p. 262) “[...] a imagem pública é resultante da imagem conceitual, emitida por sujeitos políticos em disputa de poder e recuperada na soma das imagens abstratas (o intangível, a imaginação), com as imagens concretas (o tangível, os sentidos)”. Logo, em disputas de poder, a imagem pública se torna essencial para os atores políticos que necessitam de visibilidade favorável na política, tendo, quase sempre, as mídias como palco de fabricação e difusão dessas imagens. Indo ao encontro, Baldissera (2008) corrobora ao apresentar a imagem-conceito. O autor afirma que, a não ser pelo fato de serem representações, a imagem-conceito e a imagem no sentido visual não guardam relações, de forma que a primeira não é construída na identidade em si, mas sim no sentido representativo, na percepção que a alteridade tem sobre ela, isto é, sobre o que parece ser. Nesse sentido, a



imagem-conceito se traduz como um ato judicativo de alguém ou um grupo sobre algo. Conforme o autor afirma,

[...] além de se realizarem como imagem física ou como imagem-linguagem, as imagens podem manifestar-se como juízo de valor, apreciação, conceito que uma mente humana (ou grupo) atribui a alguém, a algo ou a alguma coisa (pessoa, instituição, organização, processo, objeto) (BALDISSERA, 2008, p. 198).

Outra variável que deixaremos clara é de que não há forma de controlar a comunicação de massa – sistema que o jogo político está cada vez mais dependente. A partir dos apontamentos de Gomes (2004), entendemos que a comunicação de massa não se disponibiliza como uma ferramenta “dócil” para a construção da imagem pública, uma vez que é espaço de produção de imagem, mas não dos efeitos dessa. Além disso, referir-se a ela como “meio” de comunicação é um equívoco, uma ideia ultrapassada, já que se transformou em um ambiente fundamental para a obtenção do poder na política contemporânea.

Conforme apresentamos na introdução, a imagem pública passa a existir apenas na recepção do espectador, se caracterizando como um ato sentenciador e dependendo das vivências e percepções de cada pessoa – por isso, a construção dessa se faz tão complexa. Por mais que os atores políticos sejam responsáveis pela produção de informações que contribuam para uma visibilidade favorável, a imagem pública é o resultado das noções e interpretações de quem as receberá. Logo, entre uma imagem ideal e uma imagem real existem mediações e vivências, de forma que “[...] a imagem se constrói num lugar incontrolável, o lugar do outro” (WEBER, 2009, p. 21).

Dessa dualidade ideal x real, destaca-se a busca de poder no jogo político, visto que Gomes (1999) aponta ser consenso que a disputa política se transformou em luta pela imposição de imagem pública e em competição pela produção de percepção pública positiva. A “política de imagem” então, é o termo que se refere à competição pela produção e controle de imagens públicas – marcando a mídia, política e a sociedade contemporânea por essas ações que objetivam a manutenção do poder.

Por fim, destaca-se que a imagem pública não é estática, podendo ser alterada para melhor ou pior, ou ainda reconstruída em um processo sem fim. Segundo Weber (2009, p. 21) “[...] a imagem formada sobre uma instituição ou sujeito político é um processo contínuo e alternado de oferecimento de informações, indução ao consumo destas e avaliação desse consumo”. Assim, qualquer emissão de informação, por mais simples que pareça ser, pode ser interpretada negativamente e assume potencial de tornar a imagem pública ruim.

Com esses esclarecimentos, permite-se uma melhor articulação entre a trajetória de Donald Trump e a análise a ser realizada no capítulo 5. Portanto, direcionamos este trabalho à compreensão de como reverberam as falas – por vezes polêmicas – de Donald Trump durante o seu último ano de governo no Brasil.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Uma vez estudados os pilares teóricos do trabalho, o presente capítulo possui enfoque na construção da metodologia para a análise. No primeiro momento, justificaremos a escolha dos portais de notícias da Folha de São Paulo e O Estadão. Em seguida, serão apresentados os procedimentos adotados a partir da análise de conteúdo e, por fim, a organização dos 8 conteúdos inventariados para formação do *corpus* da pesquisa.

### 4.1. DEFINIÇÃO DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS

Para a definição de qual ou quais jornais seriam relevantes para essa pesquisa, em um primeiro momento realizamos uma listagem com as principais referências do Brasil. Posteriormente, entendemos que o jornal impresso tem sua distribuição limitada a algumas regiões do país e o compartilhamento de informações acaba por ocorrer apenas verbalmente. Com a versão digital, além de não haver a limitação de cidades ou estados, as informações podem ser compartilhadas em outras páginas da *web* e nas mídias sociais. Por esses motivos, optamos por portais de notícias, dado que os resultados dessa análise conseguem estar mais próximos de uma ótica nacional do que se considerássemos as versões físicas.

Após escolhermos as versões digitais, analisamos alguns portais de notícias para encontrar opções que se afastassem do entretenimento e se aproximassem de assuntos políticos e econômicos, principalmente com cobertura internacional. Além disso, também realizamos breves pesquisas sobre o tema imigração no governo Trump para averiguar a disponibilidade de conteúdos. Com isso, chegamos a Folha de São Paulo e O Estadão.

Conforme vimos na introdução, a Folha de São Paulo e O Estadão possuem grande penetração *online* no Brasil, sendo dois dos maiores portais em número de acessos. Também foi possível averiguar que os sites são responsivos e ágeis, e possuem disponibilidade de aplicativos para os que usam *tablets* ou *smartphones*. Esses pontos são entendidos como relevantes para a qualidade do conteúdo e da leitura dos conteúdos.

Por fim, destacamos que além de possuírem tal magnitude e a disponibilidade de conteúdos relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, os portais também disputam parcela de leitores similares no cenário comunicacional brasileiro. De modo geral, informando aqueles que se interessam principalmente por economia e política.

## 4.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Fonseca (2002) qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, possibilitando conhecer o que já se estudou sobre o assunto. A partir dessa revisão de literatura, buscamos nas publicações científicas assuntos, definições e conceitos relacionados à temática pesquisada. Essa revisão permitiu a construção das duas primeiras partes deste trabalho.

Feito isso, no estudo qualitativo a seguir, os procedimentos metodológicos são baseados nas premissas de Bardin (1977). O objetivo da análise de conteúdo é a superação de incertezas, visto que é feita a partir de métodos que permitem a reinterpretação de mensagens e o atingimento de uma compreensão de significados a um nível mais aprofundado que uma leitura comum. Segundo a autora, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Esse conjunto de técnicas permite a análise de qualquer fonte de dados. Como visto anteriormente, para essa pesquisa nos apoiaremos nas publicações digitais da Folha de São Paulo e O Estadão. Cabe ressaltar que, com o curto prazo de execução do trabalho, é inviável analisarmos as publicações dos quatro anos de governo. Então, para ser possível maior aprofundamento para responder o objetivo dessa pesquisa, delimitamos a análise das publicações do ano de fechamento do governo Trump, buscando entender os resultados e elaborar inferências sobre as ações tomadas durante os quatro anos.

Iniciamos pela pré-análise, momento de organização do que se faz relevante ou não para responder o problema de pesquisa. Nesta fase, filtramos as palavras-chave “Trump” e “imigração”, independente da seção dos portais, e personalizamos o filtro de período entre 20 de janeiro de 2020 e 20 de janeiro de 2021, último dos quatro anos de governo. Com isso, chegamos a 258 publicações no O Estadão e 193 publicações na Folha de São Paulo.

Frisamos que a escolha das publicações também objetivava entender as similaridades e divergências de cada portal em relação ao mesmo tema, traçando assim, a complementariedade de informações que os leitores recebem. Nessa trilha, foi realizada a separação de 23 publicações do O Estadão e 16 da Folha de São Paulo que continham título e linha de apoio que citassem conclusões sobre o fechamento do governo Trump em relação ao

assunto imigração. A linha de apoio, localizada abaixo do título, foi importante para a delimitação inicial do *corpus* e também será especialmente analisada durante o tratamento do material por ser entendida como o primeiro contato do leitor com o tema apresentado.

A partir dessa separação, iniciamos a leitura flutuante em busca da delimitação definitiva do *corpus* do trabalho, igualmente à leitura dos títulos e linhas de apoio, objetivando encontrar publicações com o máximo de informações relevantes sobre as conclusões do governo. Chegamos assim às quatro publicações finais para a Folha de São Paulo e quatro publicações finais para o Estadão.

Finalizando a etapa de pré-análise, a partir de uma nova leitura das oito publicações, traçamos a hipótese desta análise. Seguindo as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência apontadas por Bardin (1977), a hipótese levantada é que as falas e medidas de Donald Trump durante seu governo foram retratadas de forma negativa, resultando em uma imagem pública desfavorável no Brasil.

Por já termos aspectos gerais prévios, a análise será feita a partir de métodos dedutivos. Segundo Bardin (1977) a exploração dedutiva permite, a partir do próprio texto, a construção de novas hipóteses. Adiante, esmiuçaremos os textos em busca do que pode ser revelado através de novas perspectivas.

Após identificarmos os conteúdos relevantes para responder o problema de pesquisa e também traçarmos a hipótese do trabalho, na próxima subseção deste capítulo apresentaremos as notícias selecionadas e iniciaremos a etapa de exploração.

#### 4.2. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Com conteúdos ligados diretamente à imigração, definimos duas categorias, entendidas como pilares importantes para a exploração do material, sendo essas: comunidade interna e comunidade externa. Dessa forma, optou-se por uma classificação de público mais simplificada, diferente de outros autores caros às relações públicas no Brasil, como França (2004), Andrade (1989), Peruzzo (2016), Fortes (2003) ou Simões (1995), por achar que melhor se adequava aos objetivos do trabalho.

A partir de uma nova leitura, identificamos três públicos principais gerais presentes nas publicações para cada categoria, como podemos observar no quadro abaixo.

**Quadro 1 – Categorias e públicos**

<b>Categoria</b>	<b>Públicos</b>		<b>Descrição</b>
Comunidade externa	P1	Imigrantes	Cidadãos de outros países em processo para morar nos Estados Unidos da América
	P2	Políticos	Representantes de outros países
	P3	Organizações	Que representem ou interferem em políticas relacionadas à imigração
Comunidade interna	P4	Base partidária	Representantes do partido republicano
	P5	Eleitores e possíveis eleitores	Apoiadores de Donald Trump nas eleições de 2016 ou possíveis apoiadores nas eleições de 2020
	P6	Imigrantes e filhos de imigrantes	Cidadãos de outros países já em residência nos Estados Unidos da América

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Após apresentarmos as categorias e públicos que serão analisados nas publicações, partimos para a categorização objetivando uma organização sólida para a interpretação e a realização das inferências do material. Segundo Fonseca Júnior (2009, p. 294),

A codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, seguindo regras de enumeração, agregação e classificação, visando esclarecer o analista sobre as características do material selecionado. Sua principal função é servir de elo entre o material escolhido para análise e a teoria do pesquisador.

A divisão de categorias e públicos por unidade de registro estão listadas no quadro a seguir.

**Quadro 2 – Categorias e públicos divididos por unidade de registro**

<b>Nº</b>	<b>Título do conteúdo</b>	<b>Portal</b>	<b>Categoria</b>	<b>Públicos</b>	<b>Data de publicação</b>
1	Após 1 ano, programa de Trump contra imigração derruba números e explode em críticas	Folha de São Paulo	Comunidade externa	P1 P2	27/02/2020
2	Apoio de americanos ao aumento da imigração no país bate recorde, diz pesquisa	Folha de São Paulo	Comunidade interna	P5	06/07/2020
3	Divisa do Texas se tornou ícone da cruzada de Trump contra imigrantes	Folha de São Paulo	Comunidade externa e comunidade interna	P1 P5 P6	13/09/2020
4	Em 4 anos, Trump destrói tradições e deixa marca conservadora no Judiciário	Folha de São Paulo	Comunidade externa e comunidade interna	P2 P3 P4	02/11/2020
5	Somos todos vizinhos	O Estadão	Comunidade externa	P2 P3	16/03/2020
6	EUA e Europa, o que mudou nos quatro anos de Trump	O Estadão	Comunidade externa	P2 P3	19/10/2020

<b>Nº</b>	<b>Título do conteúdo</b>	<b>Portal</b>	<b>Categoria</b>	<b>Públicos</b>	<b>Data de publicação</b>
7	Sem muro, Trump levantou barreiras jurídicas invisíveis	O Estadão	Comunidade externa e comunidade interna	P1 P4	03/11/2020
8	Mesmo com redução da imigração na gestão Trump, imigrantes transformaram os EUA	O Estadão	Comunidade interna	P6	08/01/2021

Fonte: elaborado pela autora (2021).

A terceira e última etapa, é o tratamento dos conteúdos. Aqui realizaremos as inferências que, segundo Bardin (1977), são ‘deduções lógicas’ a partir da subjetividade do pesquisador, mas fundamentadas na metodologia da análise. Conforme Urquiza (2016, p. 125) para ter êxito no uso desse modo de interpretação de resultados, o pesquisador precisa dominar as orientações teóricas da análise de conteúdo para obter as respostas diante dos problemas. Nesse viés, o próximo capítulo tem por objetivo apresentar a análise das oito notícias selecionadas sobre o fechamento das políticas de imigração do Governo Trump.

## 5 O CONTEÚDO DA FOLHA DE SÃO PAULO E O ESTADÃO: A ANÁLISE

Como visto anteriormente, foram selecionados 4 conteúdos da Folha de São Paulo e 4 conteúdos do O Estadão. Apesar de termos duas categorias a serem analisadas — comunidade externa e comunidade interna —, lembramos que as publicações podem se encaixar em mais de uma, conforme o quadro n.º 2. Para maior clareza analisaremos as categorias separadamente.

### 5.1 ANÁLISE DA IMAGEM PÚBLICA ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS DA COMUNIDADE EXTERNA

Nesta subseção vamos discutir sobre os públicos P1, P2 e P3 — imigrantes, políticos e organizações, que juntos formam a categoria externa. Para isso, vamos analisar, uma a uma, as notícias 1, 3, 4, 5, 6 e 7. Por fim, realizaremos as inferências com base nos principais apontamentos dos textos.

**Figura 7 – Notícia n.º 1**

## Após 1 ano, programa de Trump contra imigração derruba números e explode em críticas

Milhares esperam pela justiça de imigração dos EUA em território mexicano

Fonte: Perassolo (2020).

Como demonstra a linha de apoio, os imigrantes (P1) são o primeiro público citado. O conteúdo se inicia com a história de Julián Rafael que, ao contrário do irmão que conseguiu refúgio antes do Governo Trump, precisa aguardar o julgamento do seu pedido de imigração. O cubano Julián sofreu os impactos do Programa Permanença no México (MPP).

Nessa trilha, o texto também cita os políticos (P2) para apresentar o programa. O acordo entre o México e os Estados Unidos faz com que os imigrantes indocumentados aguardem por julgamento no lado mexicano da fronteira. Segundo informações da Human



Rights Watch, a falta de segurança, incerteza e as condições de vida que os indocumentados sofrem no México geram *stress* psicológico grave às famílias e crianças<sup>29</sup>.

Nesse sentido, a notícia informa que houve a redução de pessoas apreendidas na fronteira durante 2020, todavia não faz nenhum paralelo com a pandemia da Covid-19. Ainda que o número expresse a efetividade do programa, o texto aponta diversos relatos de exposição dos imigrantes (P1) a situações de violência. O caso é tão grave que, segundo o texto, cinco cidades da fronteira concentram um quarto de todos os homicídios do país.

Em relação aos brasileiros, o texto traz o relato da brasileira Grazielle Soares para expressar a marginalização vivida,

‘A impressão é que eles fazem tudo para a gente se sentir humilhado e não querer mais voltar. E conseguiram. Foram os piores dias da minha vida’. Ela conta ter ficado detida por cerca de 20 dias até ser deportada. Nesse período, não tinha informação e só pode tomar banho duas ou três vezes. Teve que jogar fora todos os seus pertences, com exceção dos documentos (PERASSOLO, 2020).

A notícia também destaca que os brasileiros não encontram advogados que falam português e são alvos de roubos, por serem considerados de maior poder aquisitivo em relação aos centro-americanos. Consoante a isso, os imigrantes estão mais marginalizados. O processo de julgamento leva em média um ano e, nesse período, eles precisam dividir apartamentos simples, alojamentos ou até barracas improvisadas, onde precisam tomar banho em pias. Trump (2015) afirma no seu livro que, caso fosse necessário, seria possível cortar a ajuda financeira ao México ou simplesmente deixar claro que é do interesse de um relacionamento mútuo rentável pagar pelo muro. Porém, como vimos anteriormente, Trump não teve apoio no congresso para a construção desse. Logo, a ideia do programa parece uma saída para fazer com que o México se responsabilize pela imigração. Nessa direção, mesmo que não houvesse nenhum benefício direto, o país colaborou com o programa por medo de retaliações econômicas.

O texto conclui que o número de indocumentados foi reduzido – mesmo que acreditemos na relação direta com a pandemia –, sendo considerado um sucesso pelos representantes mexicanos e americanos. Por outro lado, o restante do conteúdo cita aspectos negativos dando a entender que as medidas de Trump são severas demais e punem pessoas que já estão fugindo de situações degradáveis nos seus países de origem. Esse ponto é

---

<sup>29</sup> Entre novembro de 2019 e janeiro de 2020, a Human Rights Watch e outros pesquisadores entrevistaram 60 famílias, além de advogados, médicos, líderes religiosos, responsáveis pelos abrigos e líderes do México. Os países com maior número de refugiados eram El Salvador, Honduras e Guatemala (EUA: PROGRAMA..., c2021).

reforçado na frase que encerra a notícia: “[...] o programa não é uma barreira física, mas é como se fosse um tijolinho do muro do Trump” (PERASSOLO, 2020).

**Figura 8 – Notícia n.º 3**

## **Divisa do Texas se tornou ícone da cruzada de Trump contra imigrantes**

**Afogamentos na fronteira crescem com repressão; estado concentra 11% dos estrangeiros nos EUA**

Fonte: Mantovani (2020a).

A notícia de n.º 3, também da Folha de São Paulo, foi publicada às vésperas das eleições contra Joe Biden, no dia 13 de setembro de 2020. Essa retrata os efeitos das políticas de Donald Trump para os imigrantes em processo de residência. Assim como na notícia anterior, o texto liga Trump ao aumento da marginalização, mas desta vez focando no Texas, estado com localização importante para compreender os fenômenos da política de imigração estadunidense.

A linha de apoio anuncia o aumento da hostilidade com a frase “[...] afogamentos na fronteira crescem com repressão” (MANTOVANI, 2020a). Após, entendemos o porquê do estado ser o expoente do endurecimento das medidas anti-imigração. A morte de um salvadoreno e sua filha dentro da mesma camiseta, o desaparecimento da criança brasileira que se soltou da mãe e o aumento expressivo de afogamentos são exemplos do aumento da repressão.

A publicação aponta que um dos feitos de Donald Trump foi a baixíssima taxa de desemprego entre os latinos, que se manteve até a pandemia da Covid-19. Porém, às vésperas da eleição, esse êxito se conflita à insatisfação com a violação dos direitos humanos causada nas fronteiras do país, especialmente no Texas. Segundo a publicação, o discurso democrata aponta que os recursos do governo deveriam ser aplicados a cartéis de drogas e traficantes mexicanos ao invés de solicitantes de asilo.

Como descrito na Folha de São Paulo (2020), Donald Trump busca validar sua política linha-dura com a frase “[...] para que todo americano se sinta seguro em sua comunidade” (MANTOVANI, 2020a). Por outro lado, a partir da análise deste conteúdo, é visto uma narrativa de que as medidas migratórias estavam surtindo mais efeito no âmbito de repressão do que na efetividade da redução no número de imigrantes. Desse modo, o retrato de Trump

não é só negativo no sentido do aumento da repressão, mas também de fracasso ao empregar esforços em políticas que não são efetivas para o objetivo dele.

**Figura 9 – Notícia n.º 4**

## **Em 4 anos, Trump destrói tradições e deixa marca conservadora no Judiciário**

**Sob republicano, EUA encolheram no cenário global e viram manchas na reputação em temas como imigração e ambiente**

Fonte: Mello (2020)

A notícia de n.º 4, publicada no dia 2 de novembro de 2020, na Folha de São Paulo, cita outros pontos como desemprego, meio ambiente e saúde, mas selecionamos esse conteúdo por ser valioso para o entendimento do fechamento do governo Trump. Para não fugir do foco do trabalho, nos atentaremos apenas aos trechos que citam as conclusões acerca da imigração, nesta categoria focando nos políticos (P2) e organizações (P3) respectivamente.

Segundo a linha de apoio, “[...] os EUA encolheram no cenário global e viram manchas na reputação em temas como imigração e ambiente” (MELLO, 2020). O texto indica que o governo ainda não localizou os pais de 545 crianças depois da implementação da política de separação das crianças imigrantes. Esse acontecimento se tornou uma “[...] mancha indelével na reputação americana” (MELLO, 2020).

Outrossim, apenas oito dias após assumir a presidência, em 28 de janeiro de 2017, Donald Trump vetou a entrada de cidadãos do Iraque, Iêmen, Irã, Síria, Líbia, Somália e Sudão. Como vimos no terceiro capítulo deste trabalho, essa medida foi uma tentativa de proibir a entrada de terroristas no país. Segundo a Folha de São Paulo, a medida polêmica foi rechaçada por universidades e grandes empresas que contavam com estudantes e funcionários desses países.

Segundo a pesquisa da *Pew Research Center*<sup>30</sup>, apresentada na publicação, apenas 41% dos entrevistados do Reino Unido, 31% da França e 26% da Alemanha, observam o país de forma favorável. A porcentagem é a menor em 20 anos. A partir disso, o texto aponta para “[...] o derretimento do prestígio dos EUA no mundo” (MELLO, 2020). Podemos afirmar,

---

<sup>30</sup> Segundo o relatório, essa diferença de opiniões se deu especialmente por gastos com defesa e questões de segurança (POUSHTER; MORDECAI, 2020).

então, que não só a imagem pública de Donald Trump foi afetada, mas também a marca-país<sup>31</sup> dos Estados Unidos.

Figura 10 – Notícia n.º 5

## Somos todos vizinhos

Se a globalização se baseia no movimento internacional de produtos, ideias, pessoas e tecnologia, então esse vírus é um poderoso exemplo da globalização de fluidos biológicos

Fonte: Naím (2020).

Dando sequência, a notícia de n.º 5, do colunista Moisés Naím do O Estadão, publicada em 16 de março de 2020, traz conclusões sobre os efeitos da Covid-19 na relação de Donald Trump com o restante dos países. Cinco dias após o anúncio da pandemia pela OMS, Naím questiona sobre quão aberto um país teria de ser e se esta pandemia estimularia o individualismo ou o altruísmo. O texto se debruça especialmente sobre os representantes de outros países (P2) e organizações que representem ou interferem nas políticas relacionadas à imigração (P3).

Donald Trump afirmou, no discurso da ONU (BORGER, 2018) em 2018, que rechaça o globalismo e abraça a doutrina do patriotismo. Esse posicionamento definiu quatro anos de um governo que não se comprometeu a empregar esforços para solucionar problemas que países menores ou mais empobrecidos não podem enfrentar sozinhos. Para isso, o texto destaca as palavras de Trump: “Os Estados Unidos sempre escolherão a independência e a cooperação em lugar do controle e da dominação e governança global” (NAÍM, 2020).

O texto concluiu que, para governos como o de Donald Trump, o isolacionismo já era tentador antes mesmo da pandemia. De outro ponto, a pandemia evidencia o quanto os países necessitam do apoio de outros e de organizações multilaterais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS). Assente nisso, é possível dizer que a imagem pública do governo Trump sofreu com essa contradição, já que nos primeiros anos de gestão, o país se mostrou bastante fechado na relação com países menos privilegiados e, durante a pandemia, também às organizações que poderiam beneficiar o enfrentamento a esta crise.

---

<sup>31</sup> Segundo Linhares (2012) a marca-país é a síntese das crenças, informações e impressões referentes a um local. A marca de um país tem o poder de influenciar as decisões de uma pessoa no que se refere às compras, investimentos, imigração e viagens.

Figura 11 – Notícia n.º 6

# EUA e Europa, o que mudou nos quatro anos de Trump

Ataques de Donald Trump à União Europeia enfraqueceram as relações transatlânticas; vitória de Joe Biden nas eleições não viraria necessariamente o jogo

Fonte: EUA e Europa... (2020).

Indo além da relação com os imigrantes de países economicamente mais fragilizados, a publicação de n.º 6, publicada no dia 19 de outubro de 2020, no O Estadão, visa entender a postura de Donald Trump em relação à Europa. Trump foi polêmico nos seus discursos e *tweets* diversas vezes. Críticas à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ameaças de tarifas em guerras comerciais e a saída do acordo climático de Paris são alguns exemplos. Assim como na última publicação, os públicos analisados são os políticos (P2) e organizações (P3).

Durante o governo Trump, o alvo de críticas foi a maior economia da Europa — a Alemanha. Trump não demonstrou amistosidade com Angela Merkel e um dos principais motivos era sua política de imigração. Em 2015 (THAROOR, 2021), Merkel concedeu asilo a um milhão de requerentes, inclusive de países como Síria e Afeganistão, indo contra às decisões de outros países europeus para impedir esse fluxo.

A publicação afirma que a relação da Europa com os Estados Unidos governado por Donald Trump é de desconfiança. A mesma pesquisa da *Pew Research Center* (BUDIMAN, 2020) apresentada na publicação de n.º 4, da Folha de São Paulo, é apresentada nesta notícia do O Estadão. Com taxas de aprovação baixíssimas, mesmo em países com boa relação, como o Reino Unido, o texto afirma que a imagem dos Estados Unidos nunca foi tão ruim.

Dessa forma, não foram apenas países muçulmanos ou latinos que sentiram o impacto da política linha-dura de Donald Trump. O que se evidencia através da análise é o enfraquecimento do diálogo com países que não estavam alinhados aos seus objetivos. Através das repercussões dos seus discursos em tom quase sempre crítico, principalmente através do seu Twitter, a imagem pública de Donald Trump foi fragilizada também na relação com países privilegiados. Conforme a publicação, “[...] a relação transatlântica está quase morta” (EUA E EUROPA..., 2020).

Figura 12 – Notícia n.º 7

# Sem muro, Trump levantou barreiras jurídicas invisíveis

Cerca de 400 mudanças nas regras de imigração foram feitas por decretos e ordens executivas para conter estrangeiros

Fonte: Tranches (2020).

Encerrando a categoria de comunidade externa, temos a publicação de nº 7, publicada dia 3 de novembro de 2020, no O Estadão. A publicação é de extrema valia para entender as manobras de Trump durante os quatro anos do seu governo e ressalta importantes conclusões sobre o fechamento do governo, já que foi publicada apenas quatro dias antes do resultado que elegeu Joe Biden como presidente do país.

A linha de apoio cita que houve cerca de 400 mudanças nas regras de imigração, através de decretos e ordens executivas, ou seja, sem passar pelo congresso, objetivando restringir a entrada de imigrantes. O texto também apresenta o relatório da *Migration Policy Institute* (PIERCE; BOLTER, 2020) que, resumidamente, informa que Trump transformou o sistema de imigração. Essa mudança ocorreu em “detalhes técnicos em todo o portfólio de imigração”. Isso é, mesmo que Joe Biden ou outros sucessores quisessem desfazer esses decretos e ordens, teriam dificuldade, uma vez que funcionam como um emaranhado de regras.

Em busca da defesa da vida e trabalho para os estadunidenses, o texto também apresenta o argumento publicado no site da Casa Branca: “Os EUA devem adotar um sistema de imigração que atenda ao interesse nacional. Para restaurar o estado de direito e proteger a fronteira, Trump está empenhado em construir um muro e garantir a remoção rápida das entradas ilegais” (TRANCHES, 2020).

Por outro lado, na sequência, o texto afirma que essa foi a tentativa de uma política migratória nacionalista e excludente, com esforço para agradar a própria base do presidente, e não para proteger os trabalhadores.

O relatório também demonstra que Trump conseguiu reduzir as entradas ilegais na fronteira dos EUA com o México, mas o muro é apenas um símbolo da exclusão, especialmente em tempos de alta tecnologia. Assim como a Folha de São Paulo, a reportagem também menciona o Programa Permanença no México (*MPP*) e evidencia que a combinação

de políticas interligadas para aumentar a fiscalização no México só se deu por ameaças de tarifação de produtos.

Além da relação abusiva com o México, o texto também destaca a separação das crianças de seus pais como um ponto negativo. Mais de 5 mil famílias foram afetadas e, até hoje, 545 famílias não foram localizadas, deixando essas crianças em centros de detenção. Esses dois paralelos com a publicação de n.º 4 se complementam e deixam à mostra o quanto a imagem pública do governo Donald Trump foi afetada.

Em relação à Covid-19, o texto afirma que, em 2019, as apreensões na fronteira foram as mais altas em 12 anos, mas caíram drasticamente após esse período. Na verdade, a pandemia deu a oportunidade de o governo fechar ainda mais a fronteira e se eximir de questionamentos em relação à imigração. Durante o ano de 2020, a imagem pública do governo foi mais impactada no que tange à relação com os órgãos de saúde e ao gerenciamento da pandemia do que no tratamento aos imigrantes.

O diferencial desta publicação é evidenciado na parte final do texto. Entre as publicações selecionadas, muito pouco se é escrito sobre a imigração de muçulmanos aos Estados Unidos. Nesta, ao contrário do restante, há uma seção à parte para analisar esse ponto, mas o texto não consegue mostrar como as medidas afetaram esses povos e nem a relação de Trump com os líderes desses países. O que sabemos, a partir de apenas dois parágrafos, é que Trump conseguiu o apoio necessário da Suprema Corte para uma severa restrição a residentes de 13 países muçulmanos. Ainda que a justificativa tenha sido a instabilidade desses países e a possível insegurança ao admitir esses imigrantes, o número de refugiados caiu de 110 mil admissões no governo anterior para 15 mil.

## 5.2 ANÁLISE DA IMAGEM PÚBLICA ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS DA COMUNIDADE INTERNA

Em continuidade, nesta subseção vamos discutir sobre os públicos P3, P4 e P5 — base partidária, eleitores e possíveis eleitores e imigrantes já residentes, juntos esses públicos formam a categoria interna. Para isso, também analisaremos, uma a uma, as publicações de n.º 2, 3, 4, 7 e 8.

Figura 13 – Notícia n.º 2

## Apoio de americanos ao aumento da imigração no país bate recorde, diz pesquisa

Número de entrevistados que querem mais imigrantes nos EUA é o maior desde 1965, afirma Gallup

Fonte: Mantovani (2020b).

A notícia de n.º 2, publicada na Folha de São Paulo em 6 de julho de 2020, trata exclusivamente dos eleitores e possíveis eleitores (P5). A linha de apoio evidencia que a pesquisa realizada pelo instituto Gallup (YOUNIS, 2020) em todos os 50 estados teve como resultado o apoio ao aumento da imigração de 34% dos entrevistados contra 28% dos que gostariam que ela diminuísse. Além disso, 77% dos entrevistados afirmam que a imigração é boa para o país.

Todavia, devemos nos atentar que o resultado da pesquisa muda quando a posição política dos entrevistados é separada. Ou seja, apoiadores do partido republicano desejam ainda menos imigrantes, se comparado a uma década atrás, enquanto o apoio de entrevistados que se consideram democratas cresceu.

Ainda que a pesquisa tenha evidenciado esse descontentamento com a chamada política linha-dura, ela foi realizada antes de outras duas grandes medidas de Trump: a suspensão de algumas categorias de visto de trabalho e a tentativa de encerrar a Ação adiada para chegadas na infância (Daca), programa que impede a deportação de imigrantes que entraram irregularmente no país quando eram crianças. Estima-se que o encerramento do programa afetaria até 750 mil (O QUE É..., 2017) jovens imigrantes nos Estados Unidos.

O que se percebe é uma reação às políticas de imigração de Donald Trump, consideradas severas demais pelos democratas. Deduzimos então que o resultado da pesquisa seria ainda mais contrário às políticas de Donald Trump se realizada nos meses finais de governo.

A notícia de n.º 3, “Divisa do Texas se tornou ícone da cruzada de Trump contra imigrantes”, da Folha de São Paulo, também trabalhou os eleitores/possíveis eleitores (P5) e imigrantes/filhos de imigrantes (P6). A partir dela entendemos a grande dualidade vivida pelo Texas que tradicionalmente demonstra ser republicano, mas por ser o segundo estado estadunidense com o maior número imigrantes, a crescente população latina, negra e asiática também se opõe contra as medidas adotadas por Donald Trump. Segundo dados da *Pew*



*Research Center* (IGIELNIK; BUDIMAN, 2020), o número de latinos superou o número de negros, formando 13,3% dos eleitores, o que influencia diretamente a disputa eleitoral, já que a imigração era uma grande bandeira de Donald Trump.

Por esses motivos, a imagem pública de Donald Trump foi afetada e o clima de incerteza sobre os votos do Texas, republicano desde as eleições de 1980, cresceu. Num viés democrático, Weber (2007) afirma que os processos de comunicação estão ligados à propaganda de um sujeito político, ou seja, manter uma boa visibilidade pública necessita estruturas estratégicas submetidas à lógica midiática. Com a imagem pública de Donald Trump afetada, o texto aponta que Joe Biden dedicou anúncios de TV ao estado do Texas, por exemplo, algo raro se comparado às outras eleições.

Já na publicação de n.º 4, “Em 4 anos, Trump destrói tradições e deixa marca conservadora no Judiciário”, também da Folha de São Paulo, podemos analisar a base partidária (P4). Através da publicação é possível entender por que Donald Trump perdeu força nas eleições contra Joe Biden também com a base do seu governo. A prometida construção do muro entre o México e os Estados Unidos é exposta como um “fracasso”. Além do mais, a política linha-dura não conseguiu reduzir o número de detidos na fronteira em 2019, maior em 12 anos.

De outra parte, é evidente que Donald Trump teve êxito em alguma de suas medidas. Primeiramente, o presidente ganhou “pontos” com seus eleitores, deixando o judiciário mais conservador. A partir da nomeação de 217 magistrados e três juízes, agora a Suprema Corte tem inclinação política à direita, impactando em decisões mais restritivas no que tange à imigração. Por outro lado, para aqueles que não entendem restrições como medidas positivas, o texto afirma que o presidente deixou uma herança negativa na imigração.

A publicação faz referência aos protestos intitulados Black Lives Matter em 2020 após o assassinato de George Floyd por um policial branco, foram chamados como “símbolo de ódio” por Donald Trump. Por outro lado, após protestos realizados por grupos extremistas e racistas, o presidente declarou apenas que “[...] havia pessoas muito boas dos dois lados” (MELLO, 2020). Nesse contexto, foram apresentados dados do Southern Poverty Law Center (THE YEAR..., 2020), para evidenciar que entre 2017 e 2019 houve o aumento de 55% no número de grupos nacionalistas brancos no país. Não é possível mensurar o quanto as falas de Donald Trump servem como encorajamento para o aumento desses grupos, mas é importante ressaltar que esse extremismo afeta a segurança dos imigrantes no país.

Em sua defesa, Trump afirma que houve a redução de desemprego e a reforma criminal, medidas que possibilitaram a redução do encarceramento em massa de negros. Para

isso, “Desde Abraham Lincoln, nenhum presidente fez mais pelos negros que eu” (MELLO, 2020) declarou em debate eleitoral em 2020.

Não foram somente os movimentos raciais os responsáveis pela redução da sua popularidade em relação à base partidária. Como afirma Weber (2007), a imagem pública, tão desejada por atores da cena político-midiática, só será conformada no âmbito da recepção. O que se vê é que Trump teve atitudes que não foram bem recepcionadas, como gastar em hotéis da marca Trump e eleger seu genro para um cargo do governo, além de também ter sofrido um processo de *impeachment*.

A base partidária (P4) de Trump também é analisada na publicação de n.º 7, “Sem muro, Trump levantou barreiras jurídicas invisíveis”, do O Estadão. O texto indica êxito na criação de uma política de imigração mais nacionalista e excludente, agradando aqueles que pensam como ele no partido Republicano. Para isso, Trump encerrou seu governo com uma política migratória mais difícil de ser desfeita, contando com mais de 400 medidas.

Figura 14 – Notícia n.º 8

## Mesmo com redução da imigração na gestão Trump, imigrantes transformaram os EUA

Os últimos quatro anos viram uma redução drástica da imigração. Mas o país está ficando mais diversificado

Fonte: Jordan (2021).

Por fim, chegamos à notícia de n.º 8, publicada no dia 8 de janeiro de 2021, no O Estadão, que discorre sobre os imigrantes e filhos de imigrantes (P6). O texto defende que, ainda que Donald Trump tenha reduzido drasticamente a imigração, esse esforço é incapaz de deixar o país menos diversificado.

Para entender melhor, a cidade Grand Island, no estado de Nebraska é trazida como exemplo. Nas últimas décadas, milhares de mexicanos, guatemaltecos, hondurenhos e diversas outras nacionalidades chegaram à cidade em busca de condições mais dignas de emprego. Além desses, sul-sudaneses e iraquianos são exemplos de nacionalidades que buscam refúgio. O resultado disso? Grand Island se tornou uma cidade multicultural. Estima-se que nas escolas públicas da região, coletivamente, sejam faladas mais de 55 línguas. Ou

seja, mesmo que a imigração parasse, as gerações futuras desses imigrantes permitiriam que a cidade se tornasse cada vez mais diversificada.

Assim como na última publicação analisada, este texto afirma que Donald Trump conseguiu atingir um bom número de medidas para frear a imigração no país e será difícil seus sucessores desfazerem essas regras. As propostas de Trump envolveram a criação de um novo sistema de imigração – baseado na capacitação profissional e acadêmica –, o que beneficiaria apenas os países desenvolvidos. Esse sistema já adotado por outras nações, como Canadá e Austrália, permite a expansão da classe média do país.

Por outro lado, é retratado que os esforços de Donald Trump durante os quatro anos de governo, como a tentativa de término do Daca, por exemplo, foram em vão. Um dos principais fatores, segundo, é que os filhos desses imigrantes estão ficando cada vez mais escolarizados e atingindo cargos mais remunerados, tornando-os indispensáveis para a economia do local. Além disso, metade dos trabalhadores com menos de 50 anos recebendo altos salários, em todo o país, são latinos ou asiáticos que emigraram para os Estados Unidos. Estima-se que, em 2018, quase 30% dos estudantes matriculados em faculdades e universidades eram de famílias de imigrantes, número 10 pontos percentuais maior em relação à 2000.

É perceptível através da análise deste conteúdo, que Trump não vem se atentando aos fenômenos que vêm ocorrendo em outros locais do país, em detrimento de solucionar o que para ele seria o maior problema do país — a imigração através da fronteira do México. Nesta publicação, isso é retratado como uma possível cegueira às transformações promovidas pela imigração. Desta forma, deduzimos que ganhar “pontos” para a sua imagem pública no Brasil envolveria parar de depreciar refugiados e imigrantes e passar a promover medidas retratadas como a valorização das oportunidades da diversidade cultural dos Estados Unidos da América.

### 5.3 CONCLUSÕES SOBRE AS CATEGORIAS

Essa subseção do trabalho visa realizar as conclusões sobre a comunidade externa e a comunidade interna. Para isso, retomaremos os principais pontos sobre cada um dos públicos listados no quadro 1.

O primeiro público analisado foram os imigrantes em busca de residência nos EUA (P1). Sobre esse, podemos destacar a redução no número de imigrantes ilegais ao longo dos anos de governo, conforme destacam as notícias. Entendendo que esse era o maior objetivo do

governo, haja vista as falas de Trump (2015) no seu discurso de anúncio da candidatura ou as expostas por Bilenki (2015), acreditamos que esse ponto seja um êxito.

Por outro lado, como pontos negativos, as publicações destacam que o MPP incentivou a violência física e psicológica dos imigrantes e refugiados durante o processo de julgamento, assim como aumentou o nível de criminalidade em cidades da fronteira. Além disso, a separação dos filhos de pais indocumentados foi apontada mais de uma vez como uma medida cruel. Por fim, destaca-se também o aumento no número de mortes de imigrantes ilegais após as medidas se tornarem mais inflexíveis. A presença dos povos latinos, e principalmente dos mexicanos, conforme visto com os diversos Atos de imigração e outros programas anteriores ao MPP, é uma questão histórica e que se molda conforme o contexto da época - ora é flexibilizada em prol dos interesses econômicos dos EUA, ora se torna mais rígida e promove a marginalização dos imigrantes. Quando colocados na balança, esses pontos anulam o êxito na redução de imigração e deixam visível um governo menos humanizado<sup>32</sup>.

Sobre os políticos de outros países (P2), foram evidenciados apenas aspectos negativos. Pontos como realização do MPP sob o risco de retaliações econômicas contra o México; o encolhimento da reputação dos EUA no cenário internacional e a falta de amistosidade com Angela Merkel foram retratados negativamente, sendo corroborados por pesquisas que evidenciaram a redução de prestígio do país no exterior. Acredita-se que o comportamento distante do “politicamente correto”, como afirma o próprio Trump (2016) dificultou a condescendência necessária para governar o país com proximidade de outros representantes.

Encerrando a categoria de comunidade externa, analisamos às organizações que representam ou interferem em políticas relacionadas à imigração (P3). As publicações destacam críticas à ONU, OTAN e OMS através de discursos públicos e *tweets* de Donald Trump como um governo que gera desconfiança na sua relação com o restante do mundo. A necessária visibilidade na mídia, proposta por Gomes (2006) e Weber (2009), era um êxito para Donald Trump, uma vez que ele “falava”, na maioria do tempo, com um público com ideias similares, que o seguia nas mídias sociais, via seu programa ou comprava os seus livros. Entretanto, a partir do começo do seu governo, Trump precisou se comunicar também com organizações que tradicionalmente são espaços de diplomacia e, ao manter seu comportamento polêmico de antes, gerou estranheza.

---

<sup>32</sup> Entendido aqui como a redução de respeito e empatia aos imigrantes.

Sobre a base partidária (P4), já na comunidade interna, podemos citar como pontos positivos o sucesso de Donald Trump ao deixar o judiciário mais conservador. A nomeação de diversos magistrados e juízes possibilitou que a Suprema Corte tenha inclinação política que vai ao encontro das mais de 400 medidas migratórias realizadas durante seu período presidencial. Entendemos que, nesse sentido, as políticas do ex-presidente se mantenham por mais tempo e agradem o seu partido, uma vez que, ao longo da história, os atos e programas de imigração tiveram tendência a não funcionar plenamente ou não serem duradouros. Por outro lado, as maiores promessas de Trump como a construção do muro na fronteira e a própria redução na imigração não ocorreram. Além disso, ele também sofreu um processo de impeachment no final do seu mandato. Segundo Weber (2009) a imagem pública real, ao contrário da ideal, é o resultado de noções e interpretações de informações por parte dos receptores, por isso, esse último ponto foi retratado como um questionamento a sua honestidade e, quando somado as propostas que não se concretizaram, colaboraram para a imagem de um governo improficiente.

Já nos eleitores e possíveis eleitores (P5), foram evidenciados apenas pontos negativos. Primeiramente, o clima de incerteza durante as eleições de 2020, mesmo em estados tradicionalmente republicanos como o Texas, fez com que Joe Biden atingisse com sua campanha eleitores que os democratas não atingiam há muito tempo. Esse efeito perpassa pela teoria que Gomes (1999) descreve a transformação da disputa política em luta pela imposição de imagem pública e em competição de percepção pública positiva. Ademais, o crescente número de eleitores latinos, negros e asiáticos também foi evidenciado como um desafio para o presidente que se opôs tanto a imigração.

Sobre os imigrantes já residentes no país (P6), a redução na taxa de desemprego e a reforma criminal foram citados, mas complementados com a frase ‘‘Desde Abraham Lincoln, nenhum presidente fez mais pelos negros que eu’, presidente que aboliu a escravidão no país. Ainda que o presidente tenha emitido essa informação na tentativa de gerar visibilidade favorável às suas ações, Baldissera (2008), Gomes (2004) e Weber (2004) apontam que a imagem, como um ato judicativo, só ocorrerá no momento da recepção. Por isso, acredita-se que os portais usem essa frase tenha atribuído tom irônico às medidas realizadas por Trump. A tentativa de término do Daca, programa que impede a deportação de imigrantes que entraram irregularmente no país quando eram crianças e a desatenção aos fenômenos migratórios como o ocorrido na cidade de Grand Island também são evidenciados de forma negativa.

Revisitados os públicos, podemos concluir com segurança que o retrato jornalístico do O Estadão e a Folha de São Paulo sobre as medidas migratórias do governo Trump contribuíram para uma imagem pública negativa no Brasil. Parte-se da premissa que as notícias poderiam justificar as medidas como necessárias, dado o contexto histórico da imigração nos Estados Unidos, ou ainda se atentar apenas aos números da imigração. Por outro lado, encontramos a atenção jornalística voltada a integridade física e moral dos públicos analisados. Dessa forma, a principal inferência a ser feita é que as medidas migratórias contribuíram para a imagem de um governo xenofóbico e, a partir do espectro dos direitos humanos, cruel.

Um ponto interessante a ser destacado é que, durante a construção deste trabalho, fizemos o levantamento histórico da imigração nos Estados Unidos da América. É inegável o impacto dos atentados de 11 de setembro para o país, sendo separado o capítulo 2.4 para nos aprofundarmos no contexto desta data. Além da responsabilização dos muçulmanos pelo clima de insegurança no país, citada anteriormente por Silva (2012), as guerras desencadeadas no Oriente Médio, o aumento da fiscalização nos aeroportos e o medo de terroristas são exemplos das transformações vividas desde esse dia, tornando-o, conforme Graff (2021), um dos episódios mais marcantes da contemporaneidade.

Nesta trilha, a expectativa era que as publicações se aprofundassem na relação do governo Trump com os muçulmanos. Não obstante, houve dificuldade em encontrar textos sobre esses povos e percebemos o direcionamento das publicações aos ocidentais. Isso pode ser justificado a partir da complexidade dessa análise, visto que envolve religião, fanatismo religioso, guerras e uma cultura diferente do que estamos acostumados ou pelo desinteresse em cobrir um assunto que não é ocidental. Entendemos que essa limitação foi um percalço para a realização de conclusões mais assertivas em relação a esse assunto.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração é intrínseca à história dos Estados Unidos e se estabelece como uma das principais questões a serem analisadas na perspectiva de visibilidade e legitimação dos atores políticos do país. Com a política cada vez mais sujeita aos meios de comunicação de massa, a imagem pública está ligada à repercussão e à qualidade das ações tomadas diante da mídia. Com esse entendimento, espera-se de um presidente o comportamento mais racional ou preocupado com a sua imagem, mas o que vimos sobre Donald Trump, antes e durante o seu governo, foi o afastamento do politicamente correto.

Nesse sentido, surgiu o problema de pesquisa: “como as políticas de imigração interferiram na formação da imagem pública do governo Trump no Brasil?”. Para esse problema, concluímos, através do recorte jornalístico analisado, que as medidas migratórias foram retratadas de forma negativa e estimularam a formação de uma imagem menos humanizada para o governo Trump. A resposta para essa inquietação só foi possível por estar interligada ao objetivo geral de analisar os conteúdos em relação à imigração publicados na Folha de São Paulo e O Estadão no último ano de governo Trump. Ressalta-se que pelo tempo de execução do trabalho seria inviável analisar publicações dos 4 anos de governo, mas abarcando notícias entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, foi possível encontrar relevantes apontamentos sobre o fechamento do governo, bem como resgatar as medidas que aconteceram ao longo dos 4 anos.

Seria reducionista estruturar essa pesquisa sem expor a relevância histórica da imigração nos Estados Unidos. Portanto, com a reserva da primeira parte do trabalho para evidenciar os pontos fundamentais desta questão, foi necessário ampliar o debate com apoio das obras de autores da história e com dados sobre os governos anteriores. Percebeu-se então que o fato de os EUA serem o país com o maior número de imigrantes no mundo se deu por acaso. O contingente imigratório esteve presente desde antes da colonização britânica e se em certos momentos foi danoso ao país, em relação à economia ou à segurança, em outros foi benéfico a ponto de ajudar o país a construir seu *status* de potência econômica. Nesse prisma, entende-se a complexidade e recorrência do tema quando analisados dentro do campo político.

Na segunda parte do trabalho, já com a questão da imigração elucidada, entendemos a formação da imagem do governo de Donald Trump na mídia. Foram expostas a sua origem, a sua carreira como empresário de sucesso e o seu período político – de forma a entender as repercussões midiáticas da sua trajetória e a desconstrução da sua imagem pública. Além

disso, o capítulo abrangeu as medidas migratórias do seu governo, fechando, assim, o debate histórico sobre esse tema no país e possibilitando a base para a análise realizada no terceiro capítulo. Conclui-se aqui que o posicionamento anti-imigração de Trump foi moldado com base na relevância do tema para a camada conservadora de eleitores, descoberta através das mídias sociais como o Twitter, e alicerçado no discurso de que a redução de imigração seria a solução para tornar a América grande outra vez. Ademais, destaca-se que os objetivos específicos foram trabalhados em ordem através dos capítulos, permitindo uma compreensão do macro ao micro.

Voltando ao problema de pesquisa, acredita-se que o trabalho teria muito a ganhar se fossem encontradas publicações que analisassem mais profundamente a questão da imigração muçulmana durante o governo Trump. Como já exposto, os mexicanos são a nacionalidade com maior presença nos Estados Unidos e não houve dificuldade para encontrar aspectos a serem analisados nos textos da Folha de São Paulo e O Estadão. Porém, após a escrita do subcapítulo o “o 11 de setembro e a questão da imigração nos Estados Unidos da América”, entende-se que a relação do país com os povos muçulmanos é de extrema valia para entender a imigração em governos posteriores - inclusive o de Trump. Por isso, esperava-se que as publicações abarcassem tantas informações sobre muçulmanos quanto mexicanos ou outras nacionalidades latinas, mas encontramos apenas apontamentos superficiais que impossibilitaram a construção de inferências mais assertivas.

Outra limitação do trabalho foi o baixo número de pesquisas acadêmicas analisando a imigração sob o olhar da comunicação. No geral, o trabalho foi construído a partir da leitura de outras áreas, ficando a encargo da autora realizar a ligação com a área da comunicação. Por vezes, esse ponto tornou a decisão de delimitação e configuração do trabalho mais difícil e trabalhosa. Por outro lado, essa limitação também expressa o principal valor do trabalho para área de Relações Públicas. Além de englobar uma temática pouco explorada, acredito que toda a pesquisa que se proponha responsabilmente a falar de temas que geram preconceito seja importante para desmistificar crenças já ultrapassadas e contribuir para a construção de um pensamento mais fundamentado.

Como sugestões de pesquisas futuras, destaco aqui que além do conceito de imagem pública, que pode ser analisado sob novas perspectivas deste tema sempre atual, a marca-país ainda recente como matéria de estudo, também se faz bastante relevante. Por fim, declaro que o trabalho não buscou dar um fim em si mesmo ou se tornar inverificável. Pelo contrário, espero que instigue outras pesquisas na pouco difundida intersecção entre comunicação e imigração.



## REFERÊNCIAS

- 14 FOTOGRAFIAS impactantes do 11/09 que você provavelmente nunca tinha visto até hoje. *In*: HYPENESS. [S. l.]. 11 set. 21017. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/09/14-fotografias-impactantes-do-1109-que-voce-provavelmente-nunca-tinha-visto-ate-hoje/>. Acesso em: 21 out. 2021.
- ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza Andrade. **Psicosociologia das relações públicas**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- BALDISSERA, Rudimar. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. **Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo v. 10, n. 3, p. 193-200, 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5397/2646>. Acesso em: 30 out. 2021.
- BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BILENKI, Thais. Trump defende barrar entrada de muçulmanos nos EUA. *In*: FOLHA de São Paulo. São Paulo, 07 dez. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/12/1716164-trump-defende-barrar-entrada-de-muculmanos-nos-eua.shtml?origin=uol>. Acesso em: 30 out. 2021.
- BORGER, Julian. Trump urges world to reject globalism in UN speech that draws mocking laughter. *In*: THE GUARDIAN. Londres, 26 set. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2018/sep/25/trump-united-nations-general-assembly-speech-globalism-america>. Acesso em: 28 out. 2021.
- BUDIMAN, Abby. Key findings about U.S. immigrants. *In*: PEW research center. Washington, DC, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/?p=290738>. Acesso em: 21 out. 2021.
- CAMAROTA, Steven; ZEIGLER, Karen. **Immigrants in the United States**: a profile of the foreignborn using 2014 and 2015 Census Bureau data. Washington, D.C.: Center for Immigrants Studies, 2016.
- CARR, Raymond. **História concisa de Espanha**. Lisboa: Europa-América, 2004.
- DAUVERGNE, Catherine. **Making people illegal**: what globalization means for migration and law. Nova York: Cambridge, 2008.
- DE ADOLESCENTE rebelde a presidente dos EUA: a trajetória de Donald Trump. *In*: BBC News Brasil. São Paulo, 09 nov. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37924487>. Acesso em: 30 out. 2021.
- DONALD Trump Presidential Campaign Announcement Full Speech (C-SPAN). [S. l.: s. n.], 16 jun. 2015. Publicado pelo canal C-SPAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apjNfkysjbM>. Acesso em: 30 out. 2021.
- EM DISCURSO, Trump admite que presidente Barack Obama nasceu nos EUA. *In*: JORNAL do Comércio. Porto Alegre, 16 set. 2016. Disponível em:

[https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2016/09/internacional/521673-em-discurso-trump-admite-que-presidente-barack-obama-nasceu-nos-eua.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/09/internacional/521673-em-discurso-trump-admite-que-presidente-barack-obama-nasceu-nos-eua.html). Acesso em: 30 out. 2021.

EUA E EUROPA, o que mudou nos quatro anos de Trump. *In*: ESTADÃO. São Paulo, 19 out. 2020. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,eua-e-europa-o-que-mudou-nos-quatro-anos-de-trump,70003480767>. Acesso em: 01 nov. 2021.

EUA: PROGRAMA "Permanecer no México" prejudica crianças. *In*: HUMAM rights watch. Nova York, c2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2020/02/18/338754>. Acesso em: 01 nov. 2021.

FAKE News. *In*: DICIO: dicionário online de Português. [S. l.], c2009-2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fake-news/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge. Barros, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações Públicas: processo, funções, tecnologia e estratégias**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2003.

FRANÇA, Fábio. **Públicos: como identificá-los em uma nova visão estratégica**. São Caetano do Sul: Yendis, 2004

FREITAS, Eduardo de. O número de imigrantes nos Estados Unidos. *In*: BRASIL Escola. [S. l.], c2021. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/o-numero-imigrantes-nos-estados-unidos.htm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Hermenêutica, teoria política e imagem pública. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 01., Salvador. 2006. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: UFBA, 2006. Disponível em: [http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Gomes\\_2006.pdf](http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Gomes_2006.pdf). Acesso em: 28 out. 2021.

GOMES, Wilson. A política de imagem. **Revista Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 43-52, 1999.

GOMES, Wilson. Opinião pública política hoje. *In*: IX ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 09., Brasília, DF, 2001. **Anais [...]**. Brasília, DF: UnB, 2001.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/405821230/Transformacoes-da-politica-na-era-da-comunicacao-de-massa>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GONÇALVES, William. TEIXEIRA, Tatiana. Trump e a inflexão da grande estratégia. **Tempo do mundo**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 178-200, 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/143/222>. Acesso em: 30 out. 2021.

GRAFF, Garret M. **O único avião no céu: uma história oral do 11 de setembro**. São Paulo: Todavia, 2021.

GRANT, Susan-Mary. **História concisa dos Estados Unidos da América**. São Paulo: Edipro, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IGIELNIK, Ruth; BUDIMAN, Abby. The Changing Racial and Ethnic Composition of the U.S. Electorate. *In*: PEW research center. Washington, D.C., 23 set. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2020/09/23/the-changing-racial-and-ethnic-composition-of-the-u-s-electorate/>. Acesso em: 28 out. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

JORDAN, Miriam. Mesmo com redução da imigração na gestão Trump, imigrantes transformaram os EUA. *In*: ESTADÃO. São Paulo, 08 jan. 2021. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/novo/nytiw,imigracao-trump-imigrantes-estados-unidos-populacao,70003571499>. Acesso em: 01 nov. 2021.

KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOHN, Asher. It's amazing just how many Americans served in World War II. *In*: TIMELINE. [S. l.], 08 maio 2016. Disponível em: <https://timeline.com/its-amazing-just-how-many-americans-served-in-world-war-ii-18d197a685ca>. Acesso em: 21 out. 2021.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. Marketing 3.0: From products to customers to the human spirit. *In*: KOMPELLA, Kartikeya. **Marketing wisdom**. Nova York: Springer, 2019.

LA ORGANIZACIÓN. *In*: NACIONES Unidas. Nova York, [2021?]. Disponível em: <https://www.un.org/es/about-us>. Acesso em: 21 out. 2021.

MACIEL, Tadeu Morato; DA SILVA VIEIRA, Paulo Roberto. O processo de veridicção e governamentalidade planetária no combate ao terrorismo durante o governo George W. Bush. **Conjuntura Global**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 162-179, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjgloabl/article/view/74990/42330>. Acesso em: 21 out. 2021.

MAIORES Economias do Mundo (PIB em trilhões de US\$ - 2013-2020 – ordem decrescente de 2014). *In*: FUNDAÇÃO Alexandre de Gusmão (FUNAG). Brasília, [2015]. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/analise-pesquisa/tabelas/top15pib.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

MANTOVANI, Flávia. Apoio de americanos ao aumento da imigração no país bate recorde, diz pesquisa. *In*: FOLHA de São Paulo. São Paulo, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/07/apoio-de-americanos-ao-aumento-da-imigracao-no-pais-bate-recorde-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MANTOVANI, Flávia. Divisa do Texas se tornou ícone da cruzada de Trump contra imigrantes. *In*: FOLHA de São Paulo. São Paulo, 13 set. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/divisa-do-texas-se-tornou-icone-da-cruzada-de-trump-contra-imigrantes.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. Em 4 anos, Trump destrói tradições e deixa marca conservadora no Judiciário. *In: FOLHA de São Paulo*. São Paulo, 02 nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/em-4-anos-trump-destroi-tradicoes-e-deixa-marca-conservadora-no-judiciario.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

NAÍM, Moisés. Somos todos vizinhos. *In: ESTADÃO*. São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,somos-todos-vizinhos,70003234396>. Acesso em: 01 nov. 2021.

O QUE É o Daca, e como sua suspensão por Trump afeta 750 mil jovens imigrantes nos EUA. *In: BBC Brasil*. São Paulo, 06 set. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41174409>. Acesso em: 28 out. 2021.

OS 4 ANOS de Trump no comando dos EUA em 5 minutos. [S. l.: s. n.], 21 jan. 2021. Publicado pelo canal BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=-VPWrzpSdTE>. Acesso em: 30 out. 2021.

PERASSOLO, João. Após 1 ano, programa de Trump contra imigração derruba números e explode em críticas. *In: FOLHA de São Paulo*. São Paulo, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/apos-1-ano-programa-de-trump-contra-imigracao-derruba-numeros-e-explode-em-criticas.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PIERCE, Sarah; BOLTER, Jessica. Dismantling and Reconstructing the U.S. Immigration System: A Catalog of Changes under the Trump Presidency. *In: MIGRATION policy institute*. Washington, D.C., jul. 2020. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/research/us-immigration-system-changes-trump-presidency>. Acesso em: 28 out. 2021.

POPKEN, Ben; RUHLE, Stephanie. NYC axes all contracts with Trump as business backlash snowballs. *In: NBC news*. Nova York, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/business/business-news/nyc-axes-all-contracts-trump-business-backlash-snowballs-n1254103>. Acesso em: 30 out. 2021.

POUSHTER, Jacob; MORDECAI, Mara. Americans and Germans Differ in Their Views of Each Other and the World. *In: PEW research center*. Washington, D.C., 09 mar. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2020/03/09/americans-and-germans-differ-in-their-views-of-each-other-and-the-world/>. Acesso em: 28 out. 2021.

QUEM FOI Fred Trump, 'magnata dos imóveis' pai do presidente dos EUA. *In: BBC News Brasil*. São Paulo, 04 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46730650>. Acesso em: 30 out. 2021.

REAL Donald Trump. [**Página inicial**]. [S. l., 2021?]. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump>. Acesso em: 30 out. 2021.

ROSER, Max; RITCHIE, Hannah; ORTIZ-OSPINA, Esteban. Internet. *In: OUR WORLD data*. Oxford, [2021?]. Disponível em: <https://ourworldindata.org/internet>. Acesso em: 30 out. 2021.

SIGNIFICADO de politicamente correto. *In*: Significados. [S. l.], c2009-2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/politicamente-correto/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, João Carlos Jarochinski. A história das políticas migratórias dos Estados Unidos. **Textos e debates**, Boa Vista, n. 20, p. 07-21, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1328/989>. Acesso em: 21 out. 2021.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas**: função política. 7. ed. São Paulo: Summus, 1995.

SPECK, William Arthur. **História concisa da Grã-Bretanha**. São Paulo: Edipro, 2013.

THAROOR, Isaac. A era Merkel está perto do fim; leia análise. *In*: ESTADÃO. São Paulo, 25 set. 2021. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-era-merkel-esta-perto-do-fim-leia-analise,70003850040>. Acesso em: 28 out. 2021.

THE APPRENTICE. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco: Wikimedia Foundation], 27 out. 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Modernidade>. Acesso em: 30 out. 2021.

THE YEAR in hate 2019: white nationalist groups rise for a second year in a row – up 55% since 2017. *In*: SOUTHERN poverty law center. Montgomery, AL, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.splcenter.org/presscenter/year-hate-2019-white-nationalist-groups-rise-second-year-row-55-2017>. Acesso em: 28 out. 2021.

TRAFFIC Overview. *In*: ACNUR. [S. l.], c2001-2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/europa/>. Acesso em: 27 out. 2021.

TRAFFIC Overview. *In*: SIMILARWEB. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.similarweb.com/website/estadao.com.br/?competitors=folha.uol.com.br>. Acesso em: 27 out. 2021.

TRANCHES, Renata. Sem muro, Trump levantou barreiras jurídicas invisíveis. *In*: ESTADÃO. São Paulo, 03 nov. 2020. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,sem-muro-trump-levantou-barreiras-juridicas-invisiveis,70003498980>. Acesso em: 30 out. 2021.

TRUMP, Donald. **América debilitada**: como tornar a América grande outra vez. São Paulo: CDG, 2016.

TRUMP: um sonho americano. Direção: Barnaby Peel. Los Gatos: 2017. Documentário via streaming.

U.S. IMMIGRATION Trends. *In*: MIGRATION policy institute. Washington, D.C., [2017]. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/us-immigration-trends#history>. Acesso em: 21 out. 2021.

UNDERCOVER Huber. **[Página inicial]**. [S. l., 2021?]. Twitter: @JohnWHuber. Disponível em: <https://mobile.twitter.com/JohnWHuber>. Acesso em: 30 out. 2021.

WEBER, Maria Helena. Imagem pública. *In*: MATOS, Heloiza H. de; MARQUES, Cristina S. **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA, 2004.

WEBER, Maria Helena. Na comunicação pública, a captura do voto. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 21-42, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/12464/9664>. Acesso em: 28 out. 2021.

WEBER, Maria Helena. O estatuto da imagem pública na disputa política. **ECO-pós**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/929](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/929). Acesso em: 28 out. 2021.

WHAT HAVE you done today to help save your country from them? *In*: LIBRARY digital collections – UC San Diego. San Diego, c2013. Disponível em: <https://library.ucsd.edu/dc/object/bb12977599>. Acesso em: 21 out. 2021.

YOUNIS, Mohamed. Americans Want More, Not Less, Immigration for First Time. *In*: GALLUP. Nova York, 01 jul. 2020. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/313106/americans-not-less-immigration-first-time.aspx>. Acesso em: 28 out. 2021.